REDE UNIFTC

Arquitetura & Urbanismo

Galeria de Artes & Cultura de Juazeiro

Pavilhão Cultural como estrutura de apoio ao Centro de Cultura João Gilberto em Juazeiro (Ba).

Antony Felipe Ribeiro de Freitas



FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS - UNIFTC
ARQUITETURA & URBANISMO

ANTONY FELIPE RIBEIRO DE FREITAS

GALERIA DE ARTES & CULTURA DE JUAZEIRO: PAVILHÃO CULTURAL COMO ESTRUTURA DE APOIO AO CENTRO DE CULTURA JOÃO GILBERTO EM JUAZEIRO (BA).

PETROLINA-PE
2023

ANTONY FELIPE RIBEIRO DE FREITAS

GALERIA DE ARTES & CULTURA DE JUAZEIRO: PAVILHÃO CULTURAL COMO ESTRUTURA DE APOIO AO CENTRO DE CULTURA JOÃO GILBERTO EM JUAZEIRO (BA).

Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de Graduação em Arquitetura & Urbanismo pela Faculdade de Tecnologia e Ciências-UNIFTC como requisito final para obtenção do titulo de Bacharel.

Orientador: Prof.ª Espª. Angela Gabriela Carneiro De Jesus.

PETROLINA
2023

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer neste ato, a todos os envolvidos nessa verdadeira aventura, desses cincos anos e meios, com diversos altos e baixos. Nunca imaginaria passar por tanto nesse período da minha vida, entrei na faculdade um adolescente de 16 anos e saio dela um jovem de 22 e fui acompanhado por muita gente incrível durante esse trajeto.

De início gostaria de agradecer à minha família, Antônio Freitas e Maria Joana, meus queridos e amados pais que fizeram do impossível possível para que nesse momento eu pudesse conquistar esse título, faço deste trabalho final prova de todo meu comprometimento com o suor e o trabalho árduo deles, pois sem isso não haveriam chances para mim. Agradeço também aos meus irmão Arthur Vinicius e Lucas Henrique por todo o carinho. Aqui, gostaria de expressar também o meu mais profundo agradecimento a minha querida Tia Sabrina, que sem pensar duas vezes se dispôs a ajudar a mim e a minha família em um momento tão delicado desse percurso, tudo para que esse sonho que virasse realidade, e graças a você Tia agora é, muito obrigado!

Ao meu companheiro Leonardo Gonçalves, que tanto me ajudou nos momentos mais difíceis desse percurso, muito obrigado. Aos meus amigos da vida Bianca Soares, Isabelly Freitas, Gleuber Dantas, Carlos Rhuan, Maysa Castro, Tulio Matheus, Érica Aila, Andrezza Santos, Thiago Marques e Anderson Lima, obrigado por compartilharem essa memória comigo e vibrarem por mim até o fim. E aos meus amigos da faculdade, então companheiros de curso e agora colegas de profissão, em especial, Ellen Nogueira e Fernanda Braga que sempre foram fonte incessante de inspiração e incentivo durante todo o curso, saibam que as amo muitíssimo!

Sou grato à todos os profissionais que participaram da minha formação, professores, em especial, Josephana Neri, Lucas Sampaio, Joanna Milanez e Gabriela Carneiro. Você foram excepcionais e extremamente necessários nesse meu trajeto, muito obrigado! Agradeço também à Calina Braga e toda sua equipe por ter aberto as portas pra mim e que por durante 9 meses me apresentou aos meios profissionais e me trouxe bastante conhecimento.

Ao fim, gostaria de agradecer a minha estrelinha que me deixou esse ano, minha grande companheira de quatro patas, Jade. Minha filha, que virou incontáveis noites de trabalhos comigo e também pedindo colo boa parte deles. Te amo pra sempre minha pedrinha, aonde quer que esteja!

RESUMO

O presente trabalho, através de uma análise de relatos bibliográficos a respeito do Centro de Cultura João Gilberto em Juazeiro-Ba, sintetiza proposta de fundamentação para anteprojeto de um Pavilhão Cultural como ponto de apoio ao Centro de Cultura, visando expandir o seu leque de atrações, incentivar a participação da sociedade nas atratividades culturais da região, propondo um novo espaço de lazer público e fomentando e dinamizando a participação ativa de artistas, produtores, grupos étnicos independentes e entidades da cultura ribeirinha do submédio do São Francisco. Para mais, foram feitas análises projetuais em projetos de referência com perfis e atividades que se assemelham aos interesses buscados para execução do projeto deste pavilhão, visando entender o funcionamento deste tipo de edifício. Juntos a este estudo, encontram-se também, pesquisas sobre a legislação municipal, análise do terreno e do seu entorno, programa de necessidades, fluxos, zoneamentos e volumetrias, afim de desenvolver a proposta apresentada neste projeto.

Palavras-Chave: Pavilhão. Galeria. Juazeiro. Cultura. Arte. Centro de Cultura João Gilberto. Vale do São Francisco. RIDE.

ABSTRACT

The present work, through an analysis of bibliographical reports regarding the João Gilberto Culture Center in Juazeiro-Ba, summarizes a proposal to justify the preliminary design of a Cultural Pavilion as a support point for the Culture Center, aiming to expand its range of attractions. , encourage society's participation in the region's cultural attractions, proposing a new public leisure space and encouraging and energizing the active participation of artists, producers, independent ethnic groups and riverside cultural entities in the sub-middle São Francisco. Furthermore, design analyzes were carried out on reference projects with profiles and activities that resemble the interests sought to execute the project of this pavilion, aiming to understand the functioning of this type of building. Along with this study, there is also research on municipal legislation, analysis of the land and its surroundings, program of needs, flows, zoning and volumes, in order to develop the proposal presented in this project.

Keywords: Pavilion. Gallery. Juazeiro. Culture. Art. João Gilberto Culture Center. São Francisco Valley. RIDE.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Diagrama demonstrando as categorias existentes de pavilhões;
FIGURA 2: Pavilhão Brasileiro da Exposição de 1889 em Paris;
FIGURA 3: Expo Milão 2015: Pavilhão do Brasil / Studio Arthur Casas + Atelier Marko Brajovic;
FIGURA 4: Expo Dubai 2020: Pavilhão Brasileiro 1º lugar;
FIGURA 5: Entrada do Centro de Cultura e Debate;
FIGURA 6: CCJG, novo anexo da galeria no foyer;
FIGURA 7: CCJG, galeria no foyer;
FIGURA 8: CCJG, novo anexo da galeria no foyer;
FIGURA 9: Manifestação de Samba de “Véio”;
FIGURA 10: Vista Aérea, posição do Arco da Ponte;
FIGURA 11: Palacete das artes, Antigo Palacete Martins Catharino;
FIGURA 12: Passarela do Museu Rodin Salvador;
FIGURA 13: Bloco Anexo do Museu Rodin Salvador;
FIGURA 14: Performance “A Maze in Grace” de Neo Muyanga com Legítima Defesa e Bianca Turner para a abertura da 34a Bienal de São Paulo;
FIGURA 15: Vista aérea da fachada após reforma do Pavilhão Ciccillo Matarazzo, São Paulo;
FIGURA 16: Visão do térreo do Pavillhão Ciccillo Matarazzo;
FIGURA 17: Vista aérea no terreno escolhido em evidência e seu entrono;
FIGURA 18: Vista aérea no terreno escolhido (ampliada);
FIGURA 19: Indicação dos cones visuais;
FIGURA 20: Cone Visual A;
FIGURA 21: Cone Visual B;
FIGURA 22: Cone Visual C;
FIGURA 23: Escada curva admissível como saída de emergência.
FIGRUA 24: Dimensões referenciais para deslocamento de pessoas em pé;
FIGURA 25: Área para manobra de cadeira de rodas sem deslocamento;
FIGURA 26: Áreas de transferencia e manobra para uso da bacia sanitária;
FIGURA 27: Alcance manual lateral e frontal com deslocamento do tronco;
FIGURA 28: Sinalização de corrimão - Vista superior;

FIGURA 29: Sinalização de pavimento - Vista lateral;
FIGURA 30: Zoneamento do Subsolo;
FIGURA 31: Zoneamento Pavimento Térreo;
FIGURA 32: Zoneamento Pavimento Superior;
FIGURA 33: Organograma e Fluxograma pavimento térreo;
FIGURA 34: Organograma e Fluxograma subsolo;
FIGURA 35: Organograma e Fluxograma primeiro andar;
FIGURA 36: Volumetria Isométrica Posterior;
FIGURA 37: Volumetria Isométrica Frontal;
FIGURA 38: Zoneamento subsolo;
FIGURA 39: Zoneamento térreo;
FIGURA 40: Zoneamento primeiro andar;

LISTA DE MAPAS

MAPA 01: Localização do Município de Juazeiro no estado da Bahia;
MAPA 02: Mapa de Cheios e Vazios;
MAPA 03: Mapa de ocupação e uso do solo;
MAPA 04: Mapa de vias e acesso;
MAPA 05: Mapa de gabarito;
MAPA 06: Mapa de estudo climático;

LISTA DE TABELAS

TABELA 01: Análise comparativa dos projetos referenciais correlatos;
TABELA 02: Tabela dos Índices Urbanísticos da zona;
TABELA 03: Classificação das edificações quanto à sua ocupação;
TABELA 04: Distâncias máximas a serem percorridas;
TABELA 05: Tipos de escada de emergência por ocupação;
TABELA 06: Programa de Necessidades;

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APLB - Associação dos Professores Licenciados do Brasil;

AUJ - Associação dos Universitários de Juazeiro;

CCJG - Centro de Cultura João Gilberto;

CONPRESP - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo;

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico;

EMBRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária;

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas;

IPAC - Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia;

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional;

MAPA - Ministério da Agricultura e Pecuária;

MDSE - Movimento de Defesa do São Francisco;

MNU - Movimento Negro Unificado;

RIDES - Regiões Integradas de Desenvolvimento;

SECULT - Secretaria de Cultura;

SMSF - Submédio do Vale do São Francisco;

VSF - Vale do São Francisco;

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO 14
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 16
2.1 O PAVILHÃO 16
2.2 DO SURGIMENTO 17
2.3 DAS TIPOLOGIAS PAVILHIONARES 18
2.3.1. OBJETOS DE ARTE 20
2.3.2. OBJETOS PARA ABRIGAR 20
2.3.3. OBJETOS PARA APRENDER 20
2.3.4. OBJETOS PARA REUNIR 20
2.3.5. OBJETOS PARA EXIBIR 20
2.3.6. OBJETOS PARA OLHAR/OUVIR 21
2.3.7. OBJETOS PARA VIVER/TRABALHAR/BRINCAR 21
2.4 DO PAVILHÃO BRASILEIRO 21
2.5 DO IMPACTO SOCIAL 23
2.5.1. ATIVAÇÃO CULTURAL E COMUNITÁRIA 24
2.5.2. ESTÍMULO ECONÔMICO 24
2.5.3. EDUCAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO 24
2.5.4. INCENTIVO AO TURISMO 24
2.5.5. PROMOÇÃO DE INOVAÇÃO E TECNOLOGIA 24
2.5.6. FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE LOCAL 24
2.5.7. INTEGRAÇÃO SOCIAL 25
2.5.8 DESENVOLVIMENTO URBANO 25
2.5.9. ACESSIBILIDADE CULTURAL 25
2.5.10. DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES E CAPACIDADES 25
3. CENTRO DE DEBATE E CULTURA DE JUAZEIRO 25
4. O CENTRO DE CULTURA JOÃO GILBERTO DE JUAZEIRO 28
4.1. DO SURGIMENTO 28
4.2. PRIMEIROS ANOS 29
4.3. TEATRO ESCOLA 31
4.4. DA SUSPENSÃO DAS ATIVIDADES 33
5. REGIÕES INTEGRADAS DE DESENVOLVIMENTO (RIDES) 34

5.1. DA ECONOMIA LOCAL 34
5.2. DA FRUTICULTURA IRRIGADA 35
5.3. DA INFLUÊNCIA NA REGIONALIDADE 35
6. DAS EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DE JUAZEIRO 36
6.1. SAMBA DE VEIO DO RODEADOURO 36
6.2. FESTIVIDADES DO ARCO DA PONTE 38
6.3. FESTIVAL EDÉSIO SANTOS 39
7. REFERÊNCIAS PROJETUAIS 40
7.1 MUSEU RODIN BAHIA 40
7.1.1 CONSTRUÇÃO DO ANEXO 41
7.2 O PAVILHÃO CICCILLO MATARAZZO 44
7.3. ANÁLISE COMPARATIVA 47
8. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA E ESTUDO DO ENTORNO 48
8.1 BREVE HISTÓRICO 48
8.2 DEFINIÇÃO DO TERRENO 49
8.3 ESTUDOS PRELIMINARES 53
8.3.1 MAPA DE CHEIOS E VAZIOS 53
8.3.2 MAPA DE OCUPAÇÃO E USO DO SOLO 54
8.3.3 MAPA DE VIAS E ACESSOS 55
8.3.4 MAPA DE GABARITO 56
8.3.5 ESTUDO CLIMÁTICO 57
9. LEGISLAÇÃO E NORMAS 58
9.1 DA LEI Nº 1.767/2003 - PDU DO MUNICIPIO DE JUAZEIRO-BA 58
9.2 NBR 9077/2001 - SAÍDA DE EMERGÊNCIA EM EDIFÍCIOS 59
9.2.1 INSTRUÇÃO TÉCNICA Nº.11/2016 - CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DA BAHIA 61
9.3 NBR 9050/2020 - ACESSIBILIDADE A EDIFICAÇÕES, MOBILIDADE, ... 62
ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS URBANOS 62
9.4 PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO 66
9.5 ZONEAMENTO 67
9.6 ORGANOGRAMA E FLUXOGRAMA 70
10. CONCEITO DO PROJETO, PARTIDO ARQUITETÔNICO E DIRETRIZES 72
PROJETUAIS 72

10.1 CONCEITO 72
10.2 PARTIDO ARQUITETÔNICO 72
10.3 DIRETRIZES PROJETUAIS.....72
11. VOLUMETRIA.....74
12. ZONEAMENTO.....75
13. RENDERS.....76
14. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....77
REFERÊNCIAS 78

1.INTRODUÇÃO

O Pavilhão nasce uma vez que a arquitetura de forma consciente extrapola seus limites físicos, para atender ao anseio de promoção midiática para uma edificação principal, buscando expandir o leque conteudista deste. Surge com o intuito de trazer novidade ao acervo exposto existente sem que haja substituição de seu roteiro. Juazeiro, no norte do estado da Bahia, foi fundada no ano de 1878 e possui atualmente cerca de 218.162 habitantes (IBGE, 2020). É uma cidade de grande influência econômica e se destaca das demais cidades baianas pelo apelo cultural que sua história carrega. É o berço de potencias da música e das artes reconhecidos internacionalmente, como a cantora Ivete Sangalo, o cantor e compositor João Gilberto[1](1931-2019) e consigo o ritmo carta postal do Brasil, a Bossa Nova. Tendo isso em mente, não há equívoco em dizer que Juazeiro não se contenta com o brilhantismo de seu passado e de sua história cultural, pois concebe até os dias atuais a aparição de novos artistas e produções artísticas independentes quase que de forma constante. Com isso, é extraordinário pensar que essa mesma cidade, negligenciando a própria memória, foi capaz de permitir que seu único polo cultural, o Centro de Cultura João Gilberto, fosse perdido no esquecimento de seu povo.

A priori, é importante destacar que o diálogo turvo entre o Centro de Cultura e a sociedade juazeirense se fez presente boa parte de sua existência, e remonta à apresentação do seu projeto original ao público. Ao passar dos anos adversidades com ingerência política e burocracias dificultariam a obtenção de uma permeabilidade de ideias e soluções vindas dos próprios artistas para a transformação do espaço em algo que fosse convidativo a um possível público. A arte, apesar de estar presente no cronograma diário da vida do cidadão juazeirense, segue marginalizada aos olhos desse povo e tenta aos trancos e barrancos perfurar uma dura camada de intransmissibilidade[2] comunicativa reforçada por um desinteresse esmagador da mesma população por produções artísticas pertencentes aos meios teatral, visual ou plástico.

---

[1] Nascido João Gilberto de Prado Pereira de Oliveira, foi um cantor, compositor e violinista brasileiro, considerado o criador da Bossa Nova no fim dos anos 50.

[2] O que não consegue ser transmissível, que não passa de uma pessoa, animal ou coisa a outra.

Assis (2021, p. 107) diz:

> Por mais que se anuncie, divulgue e dê conhecimento, o público, em sua maioria, passa ao largo dos acontecimentos ditos artísticos ou culturais, por motivos que vão desde a falta de condições financeiras à inibição de adentrar algum espaço teatral, museu, galeria de arte ou qualquer outro em que tais atividades se processem.

Tendo esse panorama em mente, este trabalho tem como objetivo geral a obtenção de diretrizes projetuais necessárias para a elaboração de projeto para um pavilhão anexo ao Centro de Cultura João Gilberto, no bairro Santo Antônio na cidade de Juazeiro, BA, sendo esse um bairro de uso comercial e residencial. O objetivo especifico desse trabalho consiste na busca por alternativas centradas na ampliação da estrutura vigente, sem intervir na morfologia desta, assim podendo portar diversas atrações e performances artísticas de iniciativas independentes ou privadas de forma simultânea, em decorrência da escassez de incentivo, em contrapartida a extensa demanda local tanto de produtores, quanto de integrantes de frentes culturais da região. O projeto consistirá na ampliação do atual Centro de Cultura e pretende edificar a imagem dele. Neste trabalho serão detalhadas as pesquisas e os processos para a realização deste projeto.

Tomando-se da problemática, é nítido que, apesar de o CCJG[3] ser, na teoria, o centro de interesse em termos da cultura relacionada ao entretenimento na cidade, esse ainda carece da democratização do seu espaço. O pavilhão surge nesse sentido como um espaço livre e democrático destinado à arte criada por artistas independentes ou entidades artísticas que hoje estão dispersas pelas ruas da cidade ou sitiadas à margem do limite urbano, sem qualquer expectativa de receberem reconhecimento e incentivo. Fomentando a participação na economia local, é nesse espaço que produções de artesanato poderão ser expostas por seus produtores muitos desses conhecidos como “ambulantes”, e por mais baixo custo que sejam seus exemplares eles dificilmente conseguem tirar lucro disso: quantas vezes você deixou de comprar um suvenir de um ambulante apenas por estar sendo exposto pelas ruas? Ainda que esse material tivesse valor cultural simbólico idêntico a qualquer outro vendido em lojas de lembranças. Uma vez que esses exemplos não são acolhidos, a arte na cidade de Juazeiro continuará fadada a estar sempre à margem do imaginário do Juazeirense.

---

[3] (CCJG) Centro de Cultura João Gilberto.

O presente trabalho pretende ter como metodologia de pesquisa a orientação de materiais bibliográficos e pesquisa de campo com pessoas relacionadas ao contexto cultural de Juazeiro.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O PAVILHÃO

Na arquitetura, o pavilhão é uma estrutura que geralmente está relacionada a uma edificação principal, e pode estar locada em uma posição estratégica em parques, jardins ou espaços públicos. Primordialmente são de caráter estrutural versátil, se caracterizando desde a função de projetar sombras como abrigos até a hospedagem de eventos sociais ou culturais no espaço, a exemplo pode-se citar a realização de concertos ao ar livre, exposições de artes, mercados ou mesmo uma área de descanso. Essas estruturas são previamente idealizadas levando em consideração os valores estéticos funcionais e visuais. Para TONETTI (2013):

> Operando na natureza essencial da disciplina, com programa simplificado e flexível, os pavilhões sempre se apresentaram como uma área estratégica de atuação da arquitetura e possibilitaram, ao longo da história do século XX, principalmente no contexto das feiras mundiais, a materialização e divulgação de novos conceitos culminando numa grande produção de obras canônicas que ajudaram a consolidar a arquitetura moderna, a exemplo do Pavilhão de Barcelona (1929), projeto de Mies Van der Rohe, uma das mais emblemáticas obras da arquitetura do período cuja importância motivou sua reconstrução em 1986 com status de monumento histórico. (p.13)

É conhecido mundialmente por estar atrelado com as grandes feiras e bienais realizadas ao redor do mundo a partir da virada do milênio, cumprindo o papel de cenário para o debate e a apresentação das revoluções tecnológicas e culturais que remontam até a contemporaneidade. Nesses ambientes é comum que a participação do diálogo dessas temáticas seja feita de forma experimental, visto que a estrutura do pavilhão passa a ser preceptora das inovações ali apresentadas, transmitindo a sensação de fluidez na compreensão desses, pelo público que o transita. De acordo com TONETTI (2013) o pavilhão é o assunto da comunidade artística, que a partir da década de 70, passa a conferir a esses espaços novas modalidades de uso, expandindo as fronteiras desse ambientes para fora das galerias e museus, e que são descritas pela professora de história e teoria da arquitetura em Princeton Sylvia Lavin como uma espécie de hipertrofia da instalação artística, que cada vez mais, se expande do espaço da galeria para o espaço em si.

Os arquitetos de pavilhão tem uma condição de liberdade consideravelmente maior para projetar essas estruturas, pois se apropriam de diferentes materiais e sistemas estruturais novos na concepção desse, o que no final, permite a criação de projetos inovadores e conceitos que podem não ser viáveis em estruturas de natureza perene.

2.2 DO SURGIMENTO

Não se sabe ao certo, o momento exato da concepção do primeiro pavilhão na história, o fato é que essa estrutura passa a ser documentada com bastante frequência a partir do século XIX, junto a realização da primeira edição em caráter internacional, da Exposição Internacional de Londres (1851) que contou com a inauguração do monumento Palácio de Cristal, projeto do arquiteto Joseph Paxton. No entanto, alguns relatos literários podem indicar a ocorrência dessa estrutura que remontam da época do Egito Antigo mais especificadamente a XVIII Dinastia egípcia governada pelo faraó Amenhotep III. Um exemplo notável, é o próprio Pavilhão do Jardim de Amenhotep III, no antigo Egito, que remonta a cerca de 1390–1353 aC. este pavilhão estava situado nos terrenos do Templo de Luxor e servia como estrutura cerimonial. Tinha as laterais abertas e era utilizado para reuniões religiosas e sociais. Os antigos egípcios valorizavam estruturas ao ar livre que permitissem uma conexão com a natureza, e esses primeiros pavilhões refletem essa preferência arquitetônica. ARAUJO (2005) nos traz um exemplo na literatura que exemplifica bem a habitualidade da prática:

> Ver, por exemplo, o conto do Papiro Westcar intitulado “O marido enganado”, no qual a mulher do sacerdote Ubaoner se apaixona por um homem da cidade e faz com que ele venha até sua casa. Quando o homem chega, ela pede ao encarregado para que prepare o pavilhão que está no jardim para que ela possa passar nele um dia feliz. (“passar um dia feliz” =consumar sexo). (p. 163-166.)

Com isso, entende-se que o termo se disseminou entre culturas do período antigo, com cada uma dessas reproduzindo estruturas semelhantes ao pavilhão para os mais diversos fins.

Na China Antiga, os pavilhões também eram componentes integrantes do design tradicional de jardins. O conceito de pavilhão (Ting亭) na arquitetura chinesa tem profundas raízes históricas. A Dinastia Song(960-1279) é conhecida pelo desenvolvimento de elaborados jardins com pavilhões, onde estas estruturas não

eram apenas funcionais, mas também simbólicas de ideais filosóficos e culturais. Através da exploração marítima e o firmamento de interações comerciais entre a Europa e o oriente, especialmente a China, percebe-se que essa serviu de ponte para transmissão do conceito do pavilhão ao novo continente, TONETTI (2013) fala que os diários dos viajantes passam a ser referência pictórica para o desenho de parques, e os escritos de Confúcio e Lao Tse popularizam uma nova percepção da paisagem onde jardins e parques refletem o papel do homem e da sociedade na natureza, enfatizando a importância dos parques como espaço de contemplação e meditação.

Tomando como modelo o jardim chinês, os jardins ingleses passam a incorporar características no traçado de percursos curvos, pontuados por clareiras e pequenos pavilhões que em conjunto com esculturas adquiriam uma carga simbólica e estruturavam o ideal de viagem filosófica proposto por Confúcio. Logo, essa confluência com o oriente passaria a trazer a representatividade daquelas nações e suas propostas ao pavilhão, a exemplo disso, a influência do Quiosque turco, do turco medieval (*Kieuchk*) que outrora deriva mais distantemente do Persa کوشک/*kušk* com significado "palácio", "aposento superior", "galeria" ou "sala de estar". Assim, essa confluência foi responsável por proporcionar mais mobilidade aos elementos construídos, relacionados cada vez mais a um descolamento da realidade social e tornando-se um espaço de fuga para o divertimento e frivolidade elitista, que ao longo do século XIX é popularizada de diversas formas como lazer de massas e fuga da realidade industrial (TONETTI. 2013. p. 26-27).

2.3 DAS TIPOLOGIAS PAVILHIONARES

Ao longo do último século, os pavilhões têm desempenhado um papel de extrema importância como elementos experimentais e especulativos no âmbito do design tridimensional. Frequentemente inseridos na arquitetura, design, escultura e artes em geral, essas estruturas surgem como propostas inovadoras. Caracterizam-se por programas simplificados e flexíveis, sendo predominantemente efêmeros em sua natureza. Os pavilhões são concebidos como ensaios que exploram novas tecnologias e estruturas, impulsionando um processo que estimula o debate sobre como configuramos o espaço físico construído. Tonetti (2013) evidencia que os pavilhões se destacam como obras especulativas na fronteira disciplinar,

apresentando conceitos inovadores relacionados a novos programas, usos e potenciais construtivos.

Em termos gerais, os pavilhões são estruturas que buscam estabelecer uma nova perspectiva na concepção e materialização dos projetos tridimensionais. Caracterizados por um forte caráter interdisciplinar e intensa comutação com os seus usuário, esses objetos são frequentemente efêmeros, com vida útil curta, e alguns têm mobilidade como um traço distintivo. Essas características definem o pavilhão como pertencente ao domínio expandido entre a arquitetura e o design.

Devido à uma pluralidade de possibilidades na concepção da estrutura do pavilhão das décadas de 60 e 70 discutindo conceitos criticados por Krauss. baseando-se na premissa de que a estrutura passa a expressar com maior veemência aquilo que não é. A tipologia pavilhionar, se distribui em objetos de estudos, posteriormente caracterizado por Jodidio (2016) como as 7 classes do Pavilhão Contemporâneo, que se distinguem umas das outras a partir da sua função, essas classes são: Objetos de arte; Objetos para abrigar; Objetos para aprender; Objetos para reunir; Objetos para exibir; Objetos para olhar/ouvir; e Objetos para viver/trabalhar/brincar (FIGURA 1).

FIGURA 1: Diagrama demonstrando as categorias existentes de pavilhões.



Fonte: Elaborada por Marina Pires de Castro Aguiar Vale, ÓGA (2018) com base em Jodidio (2016).

2.3.1. OBJETOS DE ARTE

Tratam-se de pavilhões cuja essência reside na expressão artística em seu sentido mais abrangente, desafiando a distinção entre ser um elemento do domínio arquitetônico ou das artes. Projetistas frequentemente os empregam para formular novas declarações artísticas.

2.3.2. OBJETOS PARA ABRIGAR

Essas são estruturas concebidas para oferecer abrigo temporário a pedestres durante eventos específicos. O período de utilização é limitado, servindo como suportes para fluxos temporários. Apesar de sua aparência simplificada, essas estruturas exibem uma complexidade substancial em sua engenharia estrutural, fazendo uso de design e engenharia estrutural assistida por computador.

2.3.3. OBJETOS PARA APRENDER

Esses pavilhões destacam-se pelo seu alto nível de experimentação ao combinar projeto computacional avançado, métodos construtivos inovadores e, frequentemente, explorar as esferas do design paramétrico digital e do biodesign. Apresentam uma abordagem interdisciplinar que integra estrutura, forma e biologia, buscando simultaneamente eficiência e uma experiência espacial única.

2.3.4. OBJETOS PARA REUNIR

Essas estruturas compartilham semelhanças com "objetos de abrigo", no entanto, seu propósito principal é facilitar a reunião e integração de pessoas. São elementos cuja anatomia permite a formação de conjuntos e suas interações. Frequentemente, essa configuração física é alcançada por meio do uso de morfologias amorfas, que têm o potencial de desafiar a visão convencional do usuário de um edifício, possibilitando diversas formas de apropriação. Sua funcionalidade é comparável à de espaços públicos.

2.3.5. OBJETOS PARA EXIBIR

Essa categoria é caracterizada pelo emprego de pavilhões para a apresentação de produtos e ideias. A prática teve início nos séculos XIX e XX, quando os pavilhões se tornaram centros de exibição para a produção industrial,

cultural e ideológica de nações em eventos globais. Contudo, atualmente, essa categoria se destaca principalmente pela exposição de produtos comerciais, desempenhando um papel significativo como agente de marketing.

2.3.6. OBJETOS PARA OLHAR/OUVIR

Estes pavilhões são projetados para acomodar atividades de entretenimento e performance, abrangendo apresentações artísticas, concertos musicais e palestras informativas. Destaca-se a criação de espaços semelhantes a museus, galerias, teatros e anfiteatros dentro desse contexto.

2.3.7. OBJETOS PARA VIVER/TRABALHAR/BRINCAR

Esses pavilhões se destacam não apenas por suas características distintas, mas também pela ausência de efemeridade. São estruturas concebidas para durar e permanecer, destinadas a abrigar atividades como prática profissional, moradia ou lazer.

2.4 DO PAVILHÃO BRASILEIRO

O Brasil tem uma história rica em pavilhões, tendo participado de um total de 19 exposições mundiais significativas e outros acontecimentos de grande importância. Alguns dos pavilhões notáveis incluem: o Pavilhão Brasileiro na Exposição Universal de 1889. A Exposição Universal de Paris em 1889 marcou o centenário da Revolução Francesa. O Brasil participou com um pavilhão notável, projetado por Gustave Eiffel, o mesmo engenheiro da Torre Eiffel. (**FIGURA 2**)

FIGURA 2: Pavilhão Brasileiro da Exposição de 1889 em Paris.



Fonte: National Gallery of Art, 2018.

Em 2015, a Exposição Universal de Milão teve o Brasil apresentando um pavilhão inovador, projetado para destacar a diversidade cultural e a riqueza agrícola do país. Foi um espaço interativo que explorou temas como sustentabilidade e segurança alimentar. (**FIGURA 3**)

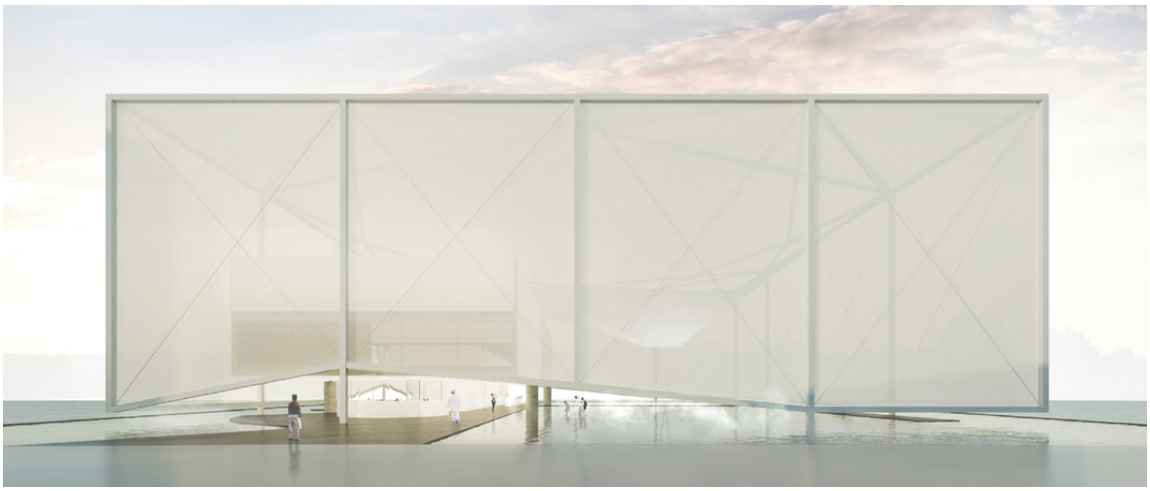
FIGRURA 3: Expo Milão 2015: Pavilhão do Brasil / Studio Arthur Casas + Atelier Marko Brajovic.



Fonte: © Filippo Poli

A Expo 2020, adiada para 2021 devido à pandemia, apresentou o Pavilhão do Brasil, concebido para refletir a biodiversidade e a inovação do país. O projeto enfatizou a importância da natureza e da tecnologia. (**FIGURA 4**)

FIGURA 4: Expo Dubai 2020: Pavilhão Brasileiro 1º lugar.



Fonte: via Site oficial Concurso Público Nacional de Arquitetura e Expografia Pavilhão do Brasil na Expo Dubai 2020

Os pavilhões citados acima servem como verdadeiras vitrines culturais e econômicas, proporcionando ao Brasil uma oportunidade de se apresentar ao mundo, mostrando suas realizações no que diz respeito a ciência, cultura e tecnologia e sua identidade. Eles também representam a habilidade dos arquitetos brasileiros em criar estruturas distintas que combinam funcionalidade e estética. Cada um desses pavilhões reflete as características únicas do Brasil, desde sua concepção de sua arquitetura até as exposições e eventos realizados dentro deles.

2.5 DO IMPACTO SOCIAL

A construção de um pavilhão em uma determinada região pode ter vários impactos sociais, dependendo de diversos fatores, incluindo o propósito do pavilhão, o contexto local, e a forma como é gerenciado. Dentre estes impactos sociais podem ser observados:

2.5.1. ATIVAÇÃO CULTURAL E COMUNITÁRIA

Pavilhões destinados a eventos culturais, exposições ou atividades comunitárias podem servir como centros de atividade, promovendo o envolvimento da comunidade e fornecendo um espaço para expressão cultural.

2.5.2. ESTÍMULO ECONÔMICO

A construção e operação de um pavilhão podem gerar empregos locais temporários ou permanentes. Além disso, eventos realizados no pavilhão podem atrair turistas, aumentando o fluxo de pessoas na região e estimulando a economia local.

2.5.3. EDUCAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO

Pavilhões dedicados a exposições educativas podem ter um impacto significativo na educação e conscientização da comunidade. Eles podem abrigar exposições interativas, WorkShops e programas educacionais.

2.5.4. INCENTIVO AO TURISMO

Pavilhões que hospedam eventos atraentes podem se tornar pontos turísticos, atraindo visitantes de outras regiões e contribuindo para o setor turístico local.

2.5.5. PROMOÇÃO DE INOVAÇÃO E TECNOLOGIA

Pavilhões dedicados a exposições de tecnologia e inovação podem contribuir para o desenvolvimento local, promovendo a adoção de novas tecnologias e práticas inovadoras.

2.5.6. FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE LOCAL

Pavilhões que celebram a cultura, história ou identidade local podem fortalecer o senso de pertencimento da comunidade, promovendo um sentimento de orgulho e preservação cultural.

2.5.7. INTEGRAÇÃO SOCIAL

Pavilhões que oferecem espaços públicos para eventos e atividades podem ser locais de encontro, promovendo a interação social e a coesão comunitária.

2.5.8 DESENVOLVIMENTO URBANO

A construção de um pavilhão pode catalisar o desenvolvimento urbano em uma área, incentivando investimentos em infraestrutura, transporte e serviços públicos.

2.5.9. ACESSIBILIDADE CULTURAL

Pavilhões que oferecem eventos e atividades culturais acessíveis financeiramente podem democratizar o acesso à cultura e entretenimento, beneficiando uma ampla gama de residentes locais.

2.5.10. DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES E CAPACIDADES

Programas educacionais e culturais realizados em pavilhões podem oferecer oportunidades para o desenvolvimento de habilidades e capacidades da população local, especialmente em setores como artes, ciência e tecnologia.

3. CENTRO DE DEBATE E CULTURA DE JUAZEIRO

De acordo com ASSIS (2021. p. 75), na noite de 1º de julho de 1983, há 40 anos, ocorria mais uma reunião na sede do Círculo Operário de Juazeiro que naquela ocasião tinha todos os seus assentos ocupados além de pessoas em pé, e naquele salão estavam reunidos artistas, animadores, produtores culturais, professores, intelectuais e outras interessadas em arte e cultura da sociedade juazeirense. Ali, como de hábito, eles tentavam buscar respostas as indagações que lhe eram propostas a cada reunião, na ocasião a indagação enuncia: “O que é que há, Juazeiro”, e a partir daí começa uma roda vida de debates enriquecedores.

No fim de cada debate, a preocupação que pairava na atmosfera daquele plenário era em virtude dos rumos ou a falta deles no que diz respeito as artes e a cultura de Juazeiro. Toda a inquietação causada pela indagação levou a concluir que o que estava faltando na cidade era de fato a ocorrência dessas manifestações, que deveriam acontecer e acontecer sem censura, sem formalismo, sem dono. No fim, o

que Juazeiro precisava era de uma residência oficial para a arte. (ASSIS, 2021. p. 75)

Uma comissão formada por Odomaria Bandeira, Giovanna De Marco e Maita Assy compareceu a uma reunião, expôs a questão ao então diretor-presidente do Círculo Operário, Antônio Lima, que em comuna a outros associados presentes, cederam, sob algumas condições, o salão de reuniões e uma sala contígua do prédio sede. O projeto intuitivo ganharia rumos a partir de uma primeira reunião e o espaço estaria garantido, ali começava a ser lapidada a esperança da comunidade artística da realização de um sonho, em se ter um local próprio para cultura na cidade (ASSIS, 2021. p. 76).

Ana Maura Basílio, Esmeraldo Lopes e Coelhão eram os outros que compunham o grupo e já estavam também em campo para convidar e arregimentar participantes a responder àquele questionamento desafiador. A partir dali, uma sequência de eventos intrínsecos a cultura popular da cidade passavam a se realizar junto aos debates tão importantes quanto no que uma vez tornou-se O Centro de Cultura e Debate de Juazeiro. Com muito esforço e dedicação dos que acreditavam no projeto, nasce, naquele mesmo mês de julho, a primeira semana de cultural da cidade, do dia 11 ao dia 17, e é nesse evento que as respostas para a indagação são encontradas (ASSIS, 2021. p. 76).

FIGURA 5: Entrada do Centro de Cultura e Debate (Painel de autoria de Parlim).



Fonte: Parlim no Livro “Juazeiro de Perto” acervo de Antonio Carlos Coêlho de Assis.

Muitos eventos seguiram-se no Centro de Cultura e Debate. Entre outros citamos o recital lítero-musical "Licor de Rosas", com a presença de diversas poetisas de Juazeiro e Petrolina. Um fato inusitado e a esse evento vinculado: o inquieto artista Celestino Gomes, famoso não só por suas telas, mas também por seus dotes culinários, aceitara o convite da organização e preparava um peixe na palha da bananeira, sob as brasas, em plena noite na beira do rio, enquanto o evento ocorria no salão do Círculo Operário. Os presentes ao recital deveriam, na sequência, como estava combinado e divulgado, descer até a margem do rio para saborear o peixe. Celestino, de temperamento forte e intempestivo, também famoso por isso, impacientou-se com a demora e com a conversa que não acabava mais, e mesmo pajeado por Schirley Brito, fotografa e produtora cultural, que tentava acalmá-lo, desenterrou o peixe, jogou-o para cima enquanto esbravejava e foi embora pela margem do rio gesticulando indignado. Quem quisesse que comesse peixe com barro. Ora! (ASSIS, 2021. p. 81-82).

Ainda aconteceu, em outra ocasião, no salão, um aguardado e belo recital do poeta Manuca Almeida *(in memorian)*, fazendo suas exibições surpreendentes e performáticas, apresentando o melhor de sua obra até ali. O fato de o poeta exibir-se unicamente nas ruas até então e defender enfaticamente esse modo do fazer artístico aumentara a expectativa em torno de sua apresentação em uma sala, com iluminação teatral e recursos cenográficos providenciados em acordo com ele. O resultado foi um espetáculo da melhor qualidade, digno da poesia e capacidade criativa e envolvente do carismático Manuquinha (ASSIS, 2021. p. 82).

Os artistas perceberam o espaço como seu e muitos reservavam dia e hora para ensaiarem suas peças teatrais. Devilles lá ensaiou seu pessoal, bem como o diretor Wellington Monteclaro. Exposições diversas foram apresentadas, de quadros e cartuns de Coelhão e Parlim a fotos da AUJ[4]; de artesanato a exposições de filatelia. De tudo acontecia: os grupos de teatro ou dança dos bairros também o entendiam como seu, um espaço a ser usado tanto para os ensaios como para apresentações. Até festas beneficentes ali aconteceram. Toda série de eventos e acontecimentos nele encontrava abrigo e apoio (ASSIS, 2021. p. 82-84).

Em agosto de 1984, foi editada pelo Centro uma publicação com o título "O sonho: quando acontece", uma série de crônicas escritas e depois lidas na Rádio

[4] AUJ - Associação dos Universitários de Juazeiro

Juazeiro, analisando alguns dos seus passos. O Centro de Cultura e Debate, a essa altura, contava com um número muito expressivo de participantes em relação ao grupo inicial, caracterizando-se em sua organização, diferentemente de outros agrupamentos, pela não existência de cargos, e suas ações, provenientes de decisões colegiadas, ampliavam-se pelos vários segmentos da comunidade. Esteve dentro do Comitê suprapartidário Pró-Diretas, compartilhando do anseio popular por eleições diretas para presidente da República denominado nacionalmente de "Diretas Já. Ajudou a fundar o Movimento de Defesa do São Francisco - MDSE. Acolheu o movimento de greve dos professores, que resultou na Associação dos Professores Licenciados do Brasil - APLB, hoje em dia um sindicato. Abrigou o Movimento Negro Unificado - MNU (ASSIS, 2021. p. 84).

O Cine Clube Angarís passou a ter seu cinema definitivo naquele salão. A capoeira ali encontrou o espaço para se firmar e crescer. Deca (Fancisval Domingos de Souza), o professor, ganhou credibilidade, a turma de capoeiristas cresceu e tempos depois, já Mestre Deca, fundou uma Associação de Capoeira, que leva o seu nome, sendo a primeira associação do tipo no Vale do São Francisco e hoje com diversos afiliados (ASSIS, 2021. p. 84).

Caracterizado como um espaço abrangente e diversificado, o Centro de Cultura e Debate funcionou durante anos como um dos mais importantes movimentos entre os que a cidade já presenciou (ASSIS, 2021. p.84).

4. O CENTRO DE CULTURA JOÃO GILBERTO DE JUAZEIRO

4.1. DO SURGIMENTO

O Centro de Cultura de Juazeiro, posteriormente batizado de Centro de Cultura João Gilberto, é inaugurado em Novembro de 1986 um ano após o encerramento da Ditadura Militar no Brasil, resultando de um programa do governo do Estado da Bahia, sob a direção de Olívia Barradas que visava um circuito estadual de ações culturais. O edifício é um dos sete do tipo espalhados pelo estado, e sua estrutura dispõe de uma sala de espetáculos com 307 lugares, um anfiteatro na área externa, dotado de arquibancada com capacidade para 1000 pessoas, três salas de ensaio e uma galeria instalada no foyer. No entanto, antes mesmo de sua inauguração, o então projeto era pauta polêmica já em sua própria apresentação aos cidadãos juazeirenses, sendo divulgada em audiência pública

com participação de integrantes do governo do estado e municipal, o que de início procurou ser um debate de ideias apaziguado passou a ser um ambiente de inquietude visto o repúdio do público por não terem suas indagações acatadas pela direção, dentre elas, questionou-se o porque de o teatro principal ter apenas 300 assentos inviabilizando possíveis atrações com maior demanda, outra indagação é transcrita por Assis (2021, p.100) no livro “Juazeiro de Perto”, nele:

> Outra indagação foi quanto ao posicionamento do prédio em desfavor do teatro de arena, na área externa, que ficaria, a continuar aquela disposição, situado no lado oposto do adequado a um melhor aproveitamento acústico, segundo normas e opniões técnicas. Respostas não convincentes e pouco democráticas provocaram significativa frustração na plateia que se pretendia colaboradora e poderia melhorar em muito a proposta, caso atendida.

Houve também, relutância por parte da direção do programa em apelidar o Centro de Cultura por João Gilberto, figura ilustre da cidade, pois não se pretendia qualquer denominação que não fosse o nome da cidade. Tal, veio a ser acatada após muita insistência da população que comumente chamava o edifício por João.

4.2. PRIMEIROS ANOS

Os primeiros anos de atuação do outrora novo Centro de Cultura foram anos muito difíceis para todos os colaboradores. Na época, o diretor Orlando Pontes que se dividia com ator e diretor teatral em várias peças produzidas, encontraria muitos obstáculos na sua carreira com agente cultural. O teatro mesmo inaugurado, carecia imensamente de estrutura, e o que tornava-se necessário para execução de qualquer evento teria que partir estritamente de quem estava interessado nele. A falta de isentivo fez com que grande parte dos produtores culturais de Juazeiro não se sentissem acolhidos em suas pretensões para utilização daquele espaço. Orlando infelizmente não conseguiu prover muita coisa, visto que o Centro ainda era um departamento da Fundação Cultura do Estado da Bahia que implicava na falta de autonomia, passando a depender de Salvador para realização dos empreendimentos culturais e artísticos.

Não demorou muito para que a classe artísticas de Juazeiro passasse a demandar a substituição da direção do Centro por alguma que tivesse participação ativa na política e que estivesse sintonizado com o novo governo, almejando a criação de outras possibilidades de gestão e direcionamento do Centro.

Surgiu então, em 1987, Antônio Carlos da Silva Pereira (Tatau), ele integrou o grupo Êxodos de Artes, o que proporcionou um grande apoio da classe artística devido sua passagem, sendo referendado e aprovado pelo diretório. Tatau assume o Centro 8 meses depois de sua inauguração, se deparando com uma situação de total calamidade administrativa, não estavam dispostos quaisquer equipamentos técnicos, cênicos ou mesmo de escritório que permitisse o mínimo funcionamento daquele local. Entretanto, ele exerceu um papel fundamental na obtenção desse inventário, a partir de títulos de empréstimo que providenciaram a obtenção de mais mobiliário, maquinas para escrever e o aluguel de uma linha telefônica, ponto em andamento o funcionamento administrativo do Centro.

Dois anos após a inauguração, entre março e outubro de 1988, a Fundação Cultural veio a instalar os esquipamentos, tais como: sistemas de som completos; sistemas de iluminação que incluía mesa, quadro de luz, canhão de luz, 40 refletor de 500w e 20 refletores de 1000w; sistema de projeção com projetor de 35mm, tela, etc.; e um jogo completo de cortinas. (ASSIS, p.102).

A mando da direção, a ambiência interna do Centro passa a ser administrada por produtores e animadores culturais, a cantina que abria esporadicamente agora estava quase sempre recebendo pequenas apresentações e reunindo pequenos públicos entre funcionários e público no que se chamava “AoBar". De acordo com Assis:

> O cardápio era excelente e muita gente ficava de pé, sentada em degraus ou circulando. O bar foi importante por aglutinar e aproximar cada vez mais gente ao Centro de Cultura, criando empatia com o espaço, e promover, em parceria ou não com a direção do Centro, eventos culturais diversos como exposições, oficinas, atividades para crianças, além de recitais e som ao vivo. […] O Bar, enfim, foi um referencial e dava vida ao Centro de Cultura, mesmo quando não havia qualquer evento ocorrendo. (p. 102)

Na administração de Tatau, a coordenação ficou a cargo de Expeditinho (Expedito de Almeida Nascimento Filho), poeta e produtor cultural criativo e inovador. Logo pôs mãos à obra e mesmo enfrentando dificuldades tão comuns a quem lida com gestão cultural, mormente a falta de recurso, principalmente financeiros, a carência de técnicos especializados e mesmo certo distanciamento e falta de apoio por parte do poder público municipal, conseguiu com a equipe desenvolver algumas ações e elaborar vários projetos (ASSIS, p.102-104).

Mesmo a gestão de Tatau tendo sido exemplar, e ter levado o Centro de Cultura para o que parecia ser o desprendimento do que quer que estivesse impedindo o seu desenvolvimento, infelizmente esse quadro não se manteve depois de sua saída da direção. Logo vemos o Centro mais uma vez sofrendo com problemas de ingerência política, burocracias e falta de apoio, tal momento impediu a formação de qualquer ambiente harmonioso para que se pudesse estabelecer qualquer empatia e oportunidade para boa parte das ações artísticas e culturais.

4.3. TEATRO ESCOLA

O Teatro Escola surge em meados dos anos 2000, como um projeto inovador que revolucionou a maneira em que as pré-escolas, escolas de ensino fundamental e ginásios aplicaram a cultura regional nos programas de interdisciplinaridade de suas diretrizes. O projeto foi apresentado ao ator e diretor teatral Devilles Fernandes em 1989 por uma companhia de teatro do Rio de Janeiro que estava fazendo apresentações pelo nordeste e consiste em realizar um intermedio com as instituições de ensino de Juazeiro e suas municipalidades afim de trazer alunos a partir da 4ª série para assistir a peças teatrais com assuntos que outrora poderiam ser abordados em salas de aula. No documentário “Uma vida no palco - Devilles e a cena do Teatro Escola” de Leonardo Teixeira, em um trecho de entrevista da atriz e professora juazeirense Márcia Galvão, ela diz:

> O Devilles, ele chegava, ele conversava com os professores, mostrava qual a peça que seria encenada e a gente tinha a possibilidade de explicar esse espetáculo fazendo uma relação com o que estávamos trabalhando na escola. Digo isso por experiencia própria, com o 15 e Morte e Vida Severina, porque eu sempre relacionava principalmente com os terceiros anos com temas ligados ao Coronelismo e a República Velha. […] e sempre foi uma iniciativa muito rica, muito importante porque a gente entende que o conhecimento, ele é extremamente importante. Como diz Viviane Mosé, filosofa “Pra sobreviver a gente precisa de conhecimento mas para viver a gente precisa de arte” e a escola ela não se faz apenas com as disciplinas curriculares, ela se dá nos espaços sociais e o espaço do teatro ele é muito rico, muito importante.

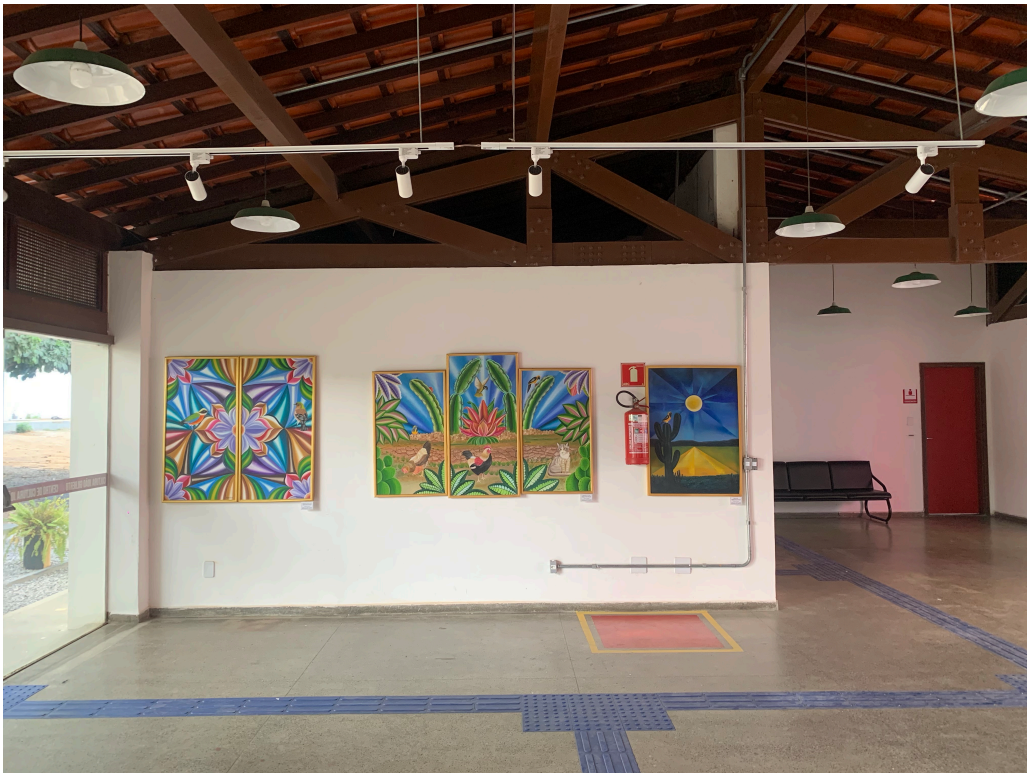
O Teatro Escola se consolidou como um grande sucesso dos tempos modernos do Centro de Cultura, interrompendo seu cronograma somente durante o período de pandemia global de COVID-19.

FIGURA 7: CCJG, galeria do foyer.



Fonte: Acervo pessoal, setembro de 2023.

FIGURA 8: CCJG, novo anexo da galeria no foyer.



Fonte: Acervo pessoal, setembro de 2023.

4.4. DA SUSPENSÃO DAS ATIVIDADES

Em 2019, uma iniciativa do governo do estado dá início a uma obra de requalificação estrutural, essa criticada abertamente pela entidade de funcionários do Centro de Cultura e que viria a ser interditada pelo advento da pandemia de COVID-19 que por sua vez cerceou qualquer atividade do Centro de Cultura. Em 2022, retoma-se a obra de reforma e requalificação que duraria um ano, tendo sua reinauguração celebrada em julho de 2023. A reforma em si não trouxe transformações significativas no repertório do espaço, o que poderia servir de atrativo ao público já familiarizado como a ambientação proposta pelo CCJG e até a concepção deste capítulo, foram realizados apenas 3 eventos contando com a reinauguração. Hoje o cenário que se encontra é de inospitalidade do edifício, habitado boa parte do tempo por funcionários das áreas administrativa, zeladores e segurança. Dado a falta de divulgação de eventuais programações, o Centro recebe poucos visitantes semanais ainda devido a seu caráter alegórico de paradas culturais da cidade.

FIGURA 6: CCJG, novo anexo da galeria no foyer.



Fonte: Acervo pessoal, setembro de 2023.

5. REGIÕES INTEGRADAS DE DESENVOLVIMENTO (RIDES)

As Regiões Integradas de Desenvolvimento (RIDES) são regiões brasileiras que possuem municípios em mais de uma unidade federativa, criadas a partir de legislação especifica e visam abastecer mecanismos de gestão integrada para o desenvolvimento da região. Seu surgimento se deve à necessidade de novos centros de desenvolvimento com uma maior capacidade de articulação e cooperação entre os estados, municípios e União, com um propósito de ampliar alcance das politicas de crescimento. As RIDES detêm esses requisitos devido a serem constituídas por municípios de diferentes estados com um mesmo contexto social e geoeconômico, se diferenciando assim, das regiões metropolitanas. (PEREIRA; PEREIRA, p.54-55, 2022).

A concepção das RIDES pode ser enxergada em três períodos históricos distintos, começando a partir do governo militar, com a Constituição de 1967 e os Planos Nacionais de Desenvolvimento, em 1970, responsável pela criação de nove regiões metropolitanas (Belém, Rio de Janeiro, Recife, Fortaleza, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre) e mais tarde na década de 1980, pelo surgimento dos polos regionais, que surgem para dispersão das atividades econômicas sobre o território nacional e reduzir os efeitos da disparidade regional elevada entre as regiões do país (LIMA; SILVA, 2014 apud PEREIRA; PEREIRA, p.55, 2022).

5.1. DA ECONOMIA LOCAL

A RIDE Petrolina/Juazeiro está localizada no Submédio do Rio São Francisco, no interior dos estados de Pernambuco e Bahia, a 720 km de Recife-PE e 500 km de Salvador-BA. É formada por oito municípios: quatro baianos: Juazeiro, Casa Nova, Sobradinho, Curaçá; e quatro pernambucanos: Petrolina, Lagoa Grande, Orocó, Santa Maria da Boa Vista. Possui uma área de 33.947,8 km2, Produto Interno Bruto (PIB) de cerca de R$ 3.613.080,65 e população de 686.530 habitantes (IBGE, 2005-2010 apud PEREIRA; PEREIRA, p.56, 2022).

Juazeiro tem um comércio forte, entretenimento, um grande número de lojas, bares, restaurantes, quiosques e mercados atacadistas, além do mercado do produtor, principal centro de distribuição de produtos agrícolas e faz parte dos maiores entrepostos comerciais do Brasil, possuindo um volume de negócio de

aproximadamente R$ 800 milhões por ano, e atende a uma média de 5 mil comerciantes por dia (PEREIRA, 2012; ARAÚJO; SILVA, 2013 apud PEREIRA; PEREIRA, p.65, 2022).

5.2. DA FRUTICULTURA IRRIGADA

A região é conhecida pela vasta produção de produtos agrícolas, se caracterizando com um dos mais importantes polos frutícolas do Brasil, assim como, um dos mais importantes centros econômicos do Sertão pernambucano e baiano. Tendo mais de 90% de suas commodities direcionadas ao mercado internacional, mais especificadamente, os mercados da Europa, Estados Unidos e Japão, resultado da alta qualidade de seus produtos (ARAÚJO; SILVA, 2013).

Destaca-se a produção de uvas finas de mesa, e manga, como as culturas mais exportadas, essas possuindo também sua influencia dentro do mercado interno da mesorregião, juntamente a outras culturas como acerola, pinha, goiaba, bem como outras frutas e hortaliças (PEREIRA; PEREIRA, p.56, 2022).

Vale ressalva, a presente atividade da cooperativa agrícola EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) vinculada ao Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), criada em 1973 e com campos de pesquisa nos municípios de Juazeiro-BA e Petrolina-PE, desenvolvendo métodos e tecnologias de um modelo de agricultura e pecuária genuinamente tropical. A cooperativa, através do diálogo democrático com produtores rurais, organizações científicas e lideranças do Estado e da sociedade civil, contribui com estudos e pesquisas que consolidam a segurança alimentar no Brasil, assim como, garantia de posição de destaque no mercado internacional de alimentos, fibras e energia.

5.3. DA INFLUÊNCIA NA REGIONALIDADE

O município de Juazeiro-BA, representa um forte centro de atração populacional dentro da RIDE e em suas municipalidades, exercendo papel de liderança na SMSF[5] e concentrando os principais serviços outrora encontrados apenas na capital Salvador-BA (ARAÚJO; SILVA, 2013). Dessa forma, os municípios de Juazeiro-BA em conjuntura ao de Petrolina-PE não apenas se configuram como líderes do pólo fruticola, como atrai a população dos municípios fora dos limites da

[5] SMSF - Submédio do Vale do São Francisco.

mesorregião a que pertencem, alcançando outros estados como Paraíba, Ceará, Rio Grande no Norte e Piauí (ARAÚJO; SILVA, 2013).

6. DAS EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DE JUAZEIRO

A cidade de Juazeiro se distingue não apenas por sua posição proeminente no âmbito econômico do SMSF, mas também por seu destaque notável na esfera da cultura regional. Com um vasto leque de atratividades ocorrendo corriqueiramente pela cidade, Juazeiro se caracteriza como um dos mais importantes polos de cultura existentes no semiárido brasileiro, terra de potencias da música como o previamente mencionado pai da Bossa Nova, João Gilberto e a rainha do Axé Music Ivete Sangalo, também foi lar de poetas ilustres a qual podemos citar o compositor sergipano Manuca Almeida (*In Memoriam*), que encontrou em Juazeiro um repertório infinito de inspiração para suas letras. No município, além do CCJG, entidades religiosas e algumas comunidades ribeirinhas também são responsáveis pela difusão da cultura em áreas mais distantes do núcleo urbano, a exemplo temos:

6.1. SAMBA DE VEIO DO RODEADOURO

Segundo GIUDICE (2015), o Samba de “Veio" surge em quilombos por volta de 1860 no período que precede a abolição da escravidão no Brasil. A palavra “Samba” é importada pelo Brasil colônia da língua angolana e significa Umbigada[6], que por sua vez se refere a uma dança típica de comunidades africanas, e que uma vez no Brasil ainda escravocrata, ressignifica-se em um símbolo de resistência na luta do povo negro pela liberdade e conquista de direitos. E no decurso do tempo, foi difundido por todo território brasileiro, tendo as suas primeiras manifestações acontecendo na comunidade do Rodeadouro, em Juazeiro. É um samba batido com os pés, em ritmo sincopado com as palmas e o requebro dos dançarinos, a umbigada refere-se ao momento de troca de integrantes da dança. O ritmo é feito a base de cantos, com voz solo e coro, palmas, pandeiros triângulos e, com percussão principal e um dos elementos de identidade, tamboretes feitos de couro de bode, que, em dias normais, servem como assento (GIUDICE, p. 547, 2015).

---

[6] Ato em que um participando do samba encostas seu umbigo no umbigo de outrem, assim deixando a roda para que essa pessoa passe a sambar em seu lugar.

De acordo com Cruz (2007):

> Atualmente o Samba de Véio é formado basicamente por um grupo de descendentes de negros de religião católica. Não existe faixa etária, contata-se a presença de jovens, acabando-se com o preconceito de antes existente em relação à idade, com as mesmas formas de instrumentos e batuques dos seus antepassados. A animação é feita com tamboretes produzidos por eles mesmos com o couro de bode, pandeiros e triângulo. A marcação do ritmo é forte, feita através dos sapateados e das palmas. Sua origem africana está intimamente ligada à formação de quilombos.

De acordo com o relato da historiadora Maria Isabela (*in memoriam)* conhecida regionalmente como Bebela, o Samba de Véio nasce em 1766 em consonância ao surgimento da cidade de Juazeiro, onde escravos que escaparam da senzala encontram a comunidade quilombola do Rodeadouro, e nela passam a viver em comunhão de suas culturas, línguas, histórias e lutas.

A história do Samba de “Véio” da comunidade quilombola do Rodeadouro continua sendo pouco explorada pela comunidade cientifica do SMSF pois são poucos os relatos documentados, dificultando a realização de futuras pesquisas. Hoje em dia, essas histórias de valor inestimável são obtidas através de pesquisas com alguns poucos historiadores remanescentes e com a própria comunidade do rodeadouro. Aparentemente, existe o samba de “veio” somente na região de Juazeiro e Petrolina, que por si é preocupante, visto que a os esforços exercidos pelos integrantes do grupo para a reestruturação do samba de “veio" podem não ser suficientes para evitar o risco eminente de um novo desaparecimento da cultura. Um dos maiores problemas enfrentados por esse verdadeiro símbolo de resistência presente no Vale do São Francisco, é a falta ou o interesse inexistente da comunidade infantojuvenil em saber dessa cultura.

FIGURA 9: Manifestação de Samba de “Véio"



Fonte: https://60graus.com/2023/01/05/comunidade-do-rodeadoro-comemora-pela-primeira-vez-o-dia-municipal-do-samba-de-veio-do-rodeadouro/

6.2. FESTIVIDADES DO ARCO DA PONTE

O Arco da Ponte é o 6º arco abaixo da secão elevada da BR-407, da ordem de chegada à Juazeiro através da Ponte Presidente Dutra e fica a aproximadamente 360m do CCJG. Se destaca das demais aberturas devido a seus aspectos estéticos e sua utilidade, pois enquanto os outros arcos servem como abrigo para pontos comerciais e a travessia de automóveis o Arco da Ponte se comporta como um anfiteatro a céu aberto, conta com uma arquibancada em semicírculo e um tablado circular inserido no arco.

FIGURA 10: Vista Aérea, posição do Arco da Ponte.



Fonte: Google Earth

O espaço já foi palco de diversos eventos, desde oficinas, exposições, apresentações de dança e teatro, fazendo com que seu reconhecimento fosse difundido pela comunidade juvenil da cidade, em especial os jovens LGBTQIAP+, entre 2016 e 2020 realizando eventos de música e discotecagem de artistas independentes do cenário artístico no VSF[7] no que ficou conhecido como “Rolê no Arco da Ponte". No entanto, sua localização marginalizada e a falta de segurança da ambientação, principalmente a noite, ajudaram para que o ponto se tornasse um foco para o tráfico de drogas e a instalação de moradores de rua. Em novembro de 2022, a prefeitura de Juazeiro realizou a 2ª edição do Festival Integrado de Artes dos

[7] Vale do São Francisco.

Povos Pretos, devolvendo arte e cultura para aquele lugar. No entanto, outros eventos independentes no mesmo âmbito não conseguem apoio da mesma prefeitura, deixando o arco novamente parado e suscetível a marginalidade.

6.3. FESTIVAL EDÉSIO SANTOS

De acordo com o Diário Oficial de Juazeiro, datando de 2009, O Festival Nacional Edésio Santos da Canção—FENESC, caracteriza-se por uma promoção da Prefeitura Municipal através da Secretaria de Cultura Esporte Turismo e Lazer—SECETLA, é um festival de composições inéditas voltado a todos os gêneros e estilos da Música Popular Brasileira e tem como objetivos:

1. Fomentar a cultura poética e musical dos artistas nacionais;
2. Fazer o intercâmbio e a troca de experiências entre músicos, compositores, interpretes, poetas e artistas que venham a valorizar a produção musical e cultural da Região, do Estado e do País;
3. Lançar no mercado musical, novos talentos;
4. Oferecer Cultura Musical Diferente da que está em evidência no Mercado;

O evento que vai realizar sua 26ª edição, é um patrimônio cultural da cidade e lança a cada ano um novo potencial da música brasileira, é um grande atrativo ao turismo local, além disso, fornece uma plataforma única para apresentar Juazeiro a potenciais produtores culturais, musicais e artísticos ao redor do mundo. No entanto, mesmo sendo uma das grandes potencias culturais do VSF, o Edésio Santos não funciona em consonância com o CCJG, o que não seria intrigante caso não fosse o fato de que é realizado a menos de 50m do Centro. O festival, que recebe uma estrutura de maior porte, assim como em outros grandes festivais culturais pelo Brasil, durante seus 3 dias, lamentavelmente, não estabelece um diálogo efetivo com o Centro, deixando-o à sombra e sem divulgar ao público informações sobre peças teatrais e exposições artísticas que possam estar simultaneamente no local.

É evidente o descaso com o Centro de Cultura João Gilberto, dado que nenhuma das manifestações previamente mencionadas consegue um espaço ou contato do CCJG, e o que poderia mais uma vez ser palco de grandes momentos da história da cultura contemporânea de Juazeiro, fica estancado no tempo no feitio de um fardo indesejado ou filho prodígio e sem reconhecimento.

7. REFERÊNCIAS PROJETUAIS

Neste capítulo, o estudo explora através de referencias em projetos com abordagem similares, as premissas que levaram a execução desses edifícios assim como características pertinentes a metodologia construtiva, relação com o entorno e a influencia do objeto de análise na incrementação da arte e da cultura.

7.1 MUSEU RODIN BAHIA

O Museu Rodin Bahia, está localizado no bairro da Graça em Salvador, na capital do estado da Bahia e toma posse do majestoso Palacete Comendador Catharino, datado da década de 1912 o Palacete de estilo Eclético é obra do arquiteto italiano Rossi Baptista, que veio a Salvador no inicio do século 20.

De acordo com Ludwig e Santos (2022) o palacete manifestava a ânsia da burguesia baiana pela modernização ao modo dos ingleses e franceses, demonstrando a grandeza artística de uma obra monumental e fomentando a modernização e a fruição artística para os habitantes da região. Sua construção inicial era de alvenaria de tijolos estruturais e paredes transversais internas com divisórias, já que existiam paredes longitudinais com eixos de estrutura que se escoravam na estrutura principal. O telhado do palacete era apoiado em uma estrutura de madeira e fechado com telhas cerâmicas do tipo francesas. Inspeções no palacete também evidenciaram a utilização de um sistema estrutural em vigas metálicas, além da presença de um dos primeiros elevadores residenciais do Brasil, exibindo a tecnologia avançada dos métodos construtivos usados para época.

Após mais de 70 anos, tendo atravessado a transição urbana e social do século XIX para XX, e o advento da especulação imobiliária, finalmente o palacete tornou-se o primeiro imóvel no estilo eclético a ser tombado pelo Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) e deixou sua função original de residência para se tornar a Secretaria Estadual da Educação e Cultura, o que levou o palacete a sofrer algumas alterações na disposição de seus cômodos internos além de intervenções na fachada posterior da edificação.

Em 2003, o Palacete Catharino recebe a atribuição da função de Palacete de Artes, recebendo sua primeira restauração e ampliação que dourou três anos, sendo inaugurado em 2006.

FIGURA 11: Palacete das artes, antigo Palacete Martins Catharino.



Fonte: https://palacetetirachapeu.com.br/o-arquiteto-rossi-baptista/

7.1.1 CONSTRUÇÃO DO ANEXO

A ideia de criar uma filial do Museu Rodin em Salvador, sendo esse o primeiro fora do território francês, parte do pressuposto de que o intermédio ideal para o encontro de uma sede deve estar em consonância aos dois sujeitos presentes nesse acordo, neste caso, o museu original em Paris e a comunidade baiana como receptora primária desse empreendimento. Essa informação implica no fato de que, quem estiver por traz desta interlocução deve se atentar em trazer e respeitar os aspectos que estão de acordo com as propostas vindas de ambos os lados. Nesse sentido, Marcelo Ferraz e Francisco Fanucci ou Brasil Arquitetura, realizaram de maneira concisa a obra de intervenção no Palacete e criação de um edifício anexo que faria ser possível a instalação do acervo que conta com cerca de setenta peças originais em gesso, parte do acervo do museu em Paris.

Brasil Arquitetura (2006) complementa dizendo:

> Convivência é a palavra que melhor expressa o ideário-guia do projeto de arquitetura do Museu Rodin Bahia. Convivência de dois edifícios com diferença de idade de um século: cada um, ao seu tempo, expressando uma técnica e um modo de construir, de morar, de usufruir o espaço. Ambos com personalidade própria, envolvidos por um jardim tropical que os une sem tirar deles o forte caráter, ou mesmo a interessante tensão.

O escritório responsável pela obra também deixa nítido sua preocupação com a estrutura original do Palacete, aplicando técnicas de intervenção delicadas e pontuais, com o objetivo de prepará-lo especial e tecnicamente para sua nova

função. Neste sentido, eles se atentam em dois pontos norteadores para a inserção do novo volume: O primeiro consiste em não interferir significativamente no paisagismo original do Palacete, respeitando o máximo possível as árvores centenárias do seu entorno; e segundo, não competir com a presença dominante da construção histórica, sobretudo, se somar ao existente, integrando um conjunto articulado e fluido para ser livremente desfrutado pelo visitante.

As características originais do Palacete Catharino são mantidas e restauradas, e a modernização dos ambientes como instalação dos sistemas de climatização e iluminação são feitas de forma discreta. Foi acrescido mais um lance na escadaria principal da edificação, concedendo acesso direto ao porão, outrora não utilizado, e que hoje abriga a administração do museu, além de um novo sistema de circulação vertical que conta com uma escadaria mais um elevador conectando os três pavimentos de acesso público, esses enclausurados por uma caixa de concreto que aparenta estar acoplada ao edifício.

A conexão com o novo bloco é descrita por:

> Deste volume uma lâmina de concreto se estende até o novo bloco, como cobertura para quem caminha no nível do solo e como passarela, a 3,20 m de altura. Penetra na nova construção ou a abraça para buscar um ponto privilegiado de observação da “Porta do Inferno”, obra prima de Rodin. Pelo térreo ou pela passarela é possível acessar o novo edifício por vários pontos, oferecendo diferentes percursos ao visitante e ampliando as relações entre o interior e o exterior. (BRASIL ARQUITETURA, 2006.).

FIGURA 12: Passarela do Museu Rodin Salvador.



Fonte: https://www.nelsonkon.com.br/museu-rodin-bahia/

O novo bloco, fica instalado em uma clareira protagonizada pelas grandes árvores ao fundo do Palacete, seu volume se apresenta de forma discreta e sensível, buscando não ofuscar a edificação principal do museu, toma das virtudes da topografia do terreno e características do próprio Palacete Catharino e seu entorno, a configuração estrutural do bloco anexo busca um diálogo através de alinhamentos horizontais e verticais. Essa configuração resulta da associação de grandes planos de concreto aparente, vidro e treliças de madeira, contrastando os adornos e elementos de viés eclético da estrutura principal do museu.

O novo anexo abriga os mesmo 1,5 mil metros quadrados do antigo palacete, mas possui apenas um pavimento com mezanino e subsolo, onde o primeiro pavimento foi atribuído salas de exposições temporárias, café, bar, cozinha e sanitários; o mezanino abriga uma área de exposição e o subsolo toda. Área de infraestutura necessária.

FIGURA 13: Bloco Anexo do Museu Rodin Salvador.



Fonte: Nelson Kon; Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/910445/museu-rodin-bahia-brasil-arquitetura.

7.2 O PAVILHÃO CICCILLO MATARAZZO

O Pavilhão Ciccillo Matarazzo, conhecido por ser sede da Fundação Bienal de São Paulo, se consagrou como palco de uma das maiores e mais importantes exposições de arte do mundo: a Bienal de São Paulo, e desde 1957 disponibiliza seu espaço para sediar os mais diversos eventos ligados diretamente a industrias de criatividade aplicada e que contribuem para o desenvolvimento socioeconômico da maior metrópole do Brasil. Faz parte do conjunto original do Parque do Ibirapuera em São Paulo, projetado por Oscar Niemeyer. Tal conjunto, construído entre 1951 e 1954 em comemoração ao IV centenário da cidade, ainda conta com o Palácio das Nações (atual Museu Afro Brasil), o Palácio dos Estados, o Palácio da Agricultura (atual Museu de Arte Contemporânea), e o Palácio das Exposições ou Oca, além da extensa e sinuosa Marquise que conecta os edifícios e cria a identidade da proposta.

Medindo 250 por 50 metros e abrigando três pavimentos, mais um pequeno subsolo, o Pavilhão da Bienal é um volume paralelepídico sóbrio, que se diferencia discretamente dos demais pelo uso de brises verticais de alumínio na sua fachada principal, voltada para noroeste. (FRACALOSSI, 2011).

O projeto de autoria do mundialmente renomado Oscar Niemeyer, se consolida na magnitude da sua arquitetura modernista simbolizando um verdadeiro ícone do estilo e representa a vocação cosmopolita da cidade. Foi tombado pelo Patrimônio Histórico, esta sendo uma iniciativa dos órgãos governamentais CONPRESP, CONDEPHAAT e IPHAN, e logo depois cedido à Bienal em regime de comodato pela Prefeitura de São Paulo. Assim, entendendo o Pavilhão como provedor cultural da cidade de São Paulo, a Bienal permite a cessão do prédio para atividades correlatas à economia criativa, tais como, artes plásticas, cinema, televisão, literatura e publicações, moda, design, desenvolvimento de softwares, turismo, esportes, antiguidades, gastronomia, propaganda, arquitetura, etc. Desafiando artistas e curadores sobre como ocupar suas grandes lajes e pés-direitos duplos e triplos.

FIGURA 14: Performance “A Maze in Grace” de Neo Muyanga com Legítima Defesa e Bianca Turner para a abertura da 34a Bienal de São Paulo.



Fonte: Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo. Distribuição: Catraca Livre.

O edifício se destaca devido a sua localização, pois está locado dentro de um dos parques mais importantes da capital paulista, o Parque Ibirapuera, e nele o pavilhão se mescla de maneira harmônica integrando-se a natureza com harmonia e fluidez.

FIGURA 15: Vista aérea da fachada após reforma do Pavilhão Ciccillo Matarazzo, São Paulo.



Fonte: Leo Eloy/Estúdio Garagem/Fundação Bienal de São Paulo/CASACOR.

Sua arquitetura modernista incrementa uma sensação de leveza e versatilidade que passa aos eventos nele sediados, e seus 40 mil metros quadrados são divididos em diferentes ambiente, cada um com inúmeras possibilidades de aproveitamento. A escala monumental dos seus pavimentos permite a montagem de grandes eventos e dá liberdade para configurações originais, com destaque no s mezaninos no pavimento térreo este propriamente configurado para grandes recepções, e ao Porão das Arte, equipado com auditório, é ideal para eventos diferenciados. Todos esses ambientes possuem acessos independentes e variados.

FRACALOSSI (2011) enfatiza dizendo:

> Neste pavilhão, Niemeyer enfatiza as curvas dos mezaninos internos, que aparentam faixas serpenteastes, primeiro através da sobriedade exterior do edifício e, segundo, pela rigidez de sua malha estrutural ortogonal. A planta livre é empregada com maestria pelo arquiteto brasileiro.

FIGURA 16: Visão do térreo do Pavillhão Ciccillo Matarazzo



Fonte: © flickr Andrés Otero. Distribuição: archdaily.com

7.3. ANÁLISE COMPARATIVA

A partir do estudo dos projetos previamente abordados, este capítulo busca realizar a análise comparativa, considerando os pontos intrínsecos a esses assim como suas dissonâncias.

Tabela 1: Análise comparativa dos projetos referenciais correlatos;

Itens Analisados	Referencial 01	Referencial 02
Nome	Museu Rodin Salvador	Pavilhão Ciccillo Matarazzo
Localização	Graça, Salvador-(BA), Brasil	Parque Ibirapuera, São Paulo-(SP), Brasil
Autoria	Rossi Baptista e Brasil Arquitetura	Oscar Niemeyer
Área Construída (m^2)	3 mil	40 mil
Função	Galeria de Exposição	Centro de Convenções
Estilo Arquitetônico	Eclética e Contemporânea	Modernista
Materialidade	Tijolo (Alvenaria estrutural), madeira, metal + Concreto, vidro, madeira.	Concreto e Vidro
Relação de Intervenção	Intersecção	Inclusão
Acessibilidade	Encontra-se um sistema de circulação vertical completo no Palacete com elevador e escadaria dando acesso à todos os andares. No entanto, no bloco anexo não é possível identificar um mesmo sistema próprio do edifício.	O prédio é servido por um sistema de circulação vertical completo, acessível por todos a todos os seus pavimentos.

Fonte: Autoral, 2023.

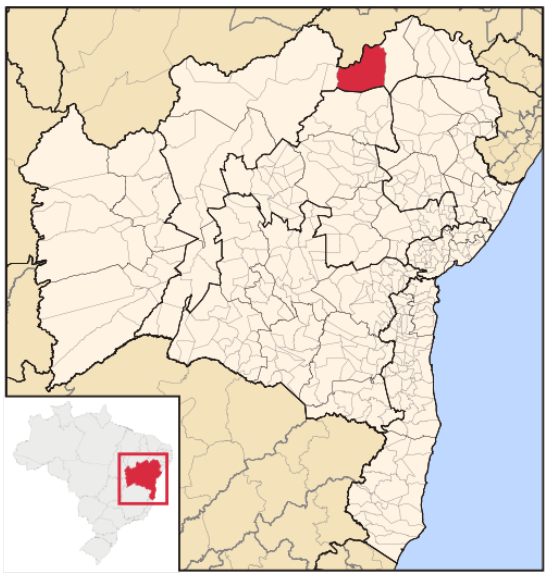
8. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA E ESTUDO DO ENTORNO

8.1 BREVE HISTÓRICO

O município de Juazeiro está localizado no norte do estado da Bahia, na chamada mesorregião do Vale do São Francisco, possui população estimada em 237.821 habitantes (IBGE, 2022) sendo o quinto município mais populosos da Bahia, e de acordo com o senso de 2022 feito pelo IBGE[8] possui uma extensão territorial total de 6.721,237 km². Está situado à margem direita do Rio São Francisco e compartilha a divisa estadual Bahia/Pernambuco junto a cidade vizinha Petrolina-PE.

É um dos polos artísticos mais agitados do interior da Bahia, e protagoniza um vasto leque de manifestações culturais e artísticas por todo seu território e proximidades, entretanto, segundo Giudice (2015 p. 540) "A região de Juazeiro, apesar do potencial existente, é pouco divulgada, sobretudo os atrativos culturais que aliados aos naturais, poderiam sustentar um polo turístico da região sanfranciscana baiana". Dentre seus diversos eventos, na cidade realiza-se o primeiro carnaval de rua de todo o Brasil começando antes mesmo da própria capital do estado baiano, ademais, possui uma orla fluvial extensa com pontos comerciais diversos, além de acesso facilitado ao rio, esse que também concebe festividades com passeios de catamarã ou de "barquinhas".

MAPA 01: Localização do Município de Juazeiro no estado da Bahia.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Juazeiro_(Bahia)

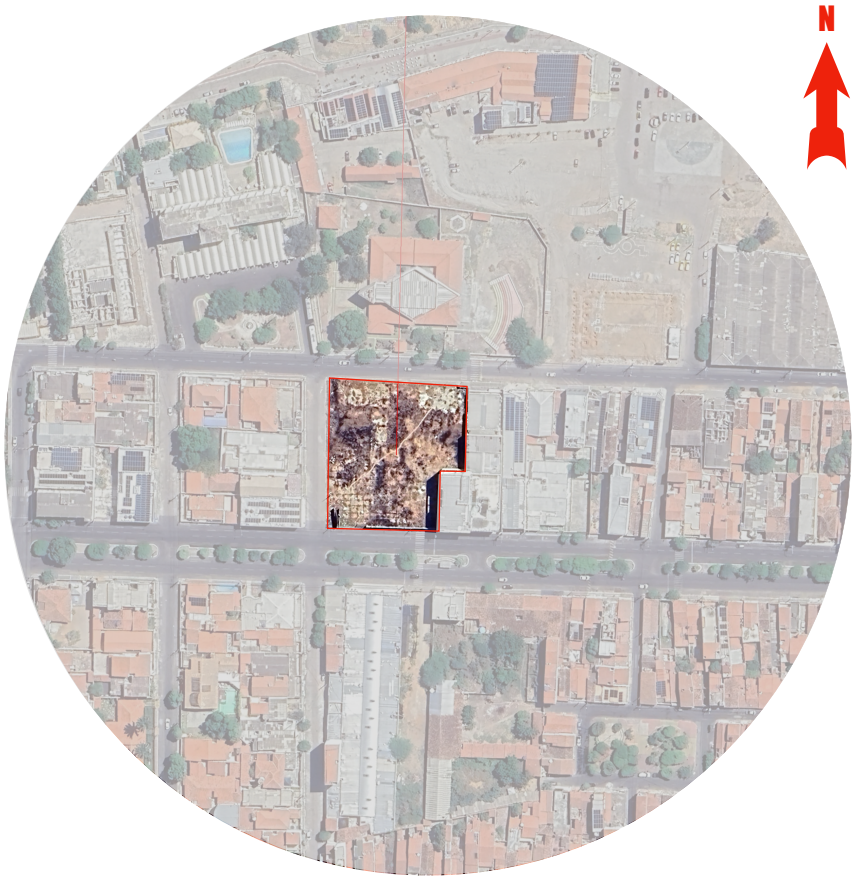
[8] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

De acordo com o consultor da SECULTE, Edvaldo Franciolli, com a inclusão no Mapa, Juazeiro, hoje, é identificada como categoria B, de acordo com a escala de classificação no Ministério do Turismo, que vai de A a E. “Isso para o município é extremamente significativo, porque apenas 20 cidades baianas estão enquadradas na categoria B e 5 na categoria A (Apud TRINDADE, 2022).

8.2 DEFINIÇÃO DO TERRENO

O terreno escolhido para receber o Pavilhão está localizado na cidade de Juazeiro-BA, no encontro da Rua do Paraíso com a Travessa Napoleão Laureano, no bairro Santo Antônio e está a menos de 50m do atual Centro de Cultura João Gilberto, fica situado em uma das melhores localidades da cidade, com proximidade ao centro comercial da cidade e de sua a orla fluvial, com vias asfaltadas e uma diversidade de tipologias construtivas marcante, ou seja, em sua proximidade podem ser encontrados instituições de ensino, indo do fundamental ao nível superior, clínicas e hospitais, prédios comerciais e empresariais, entre outros.

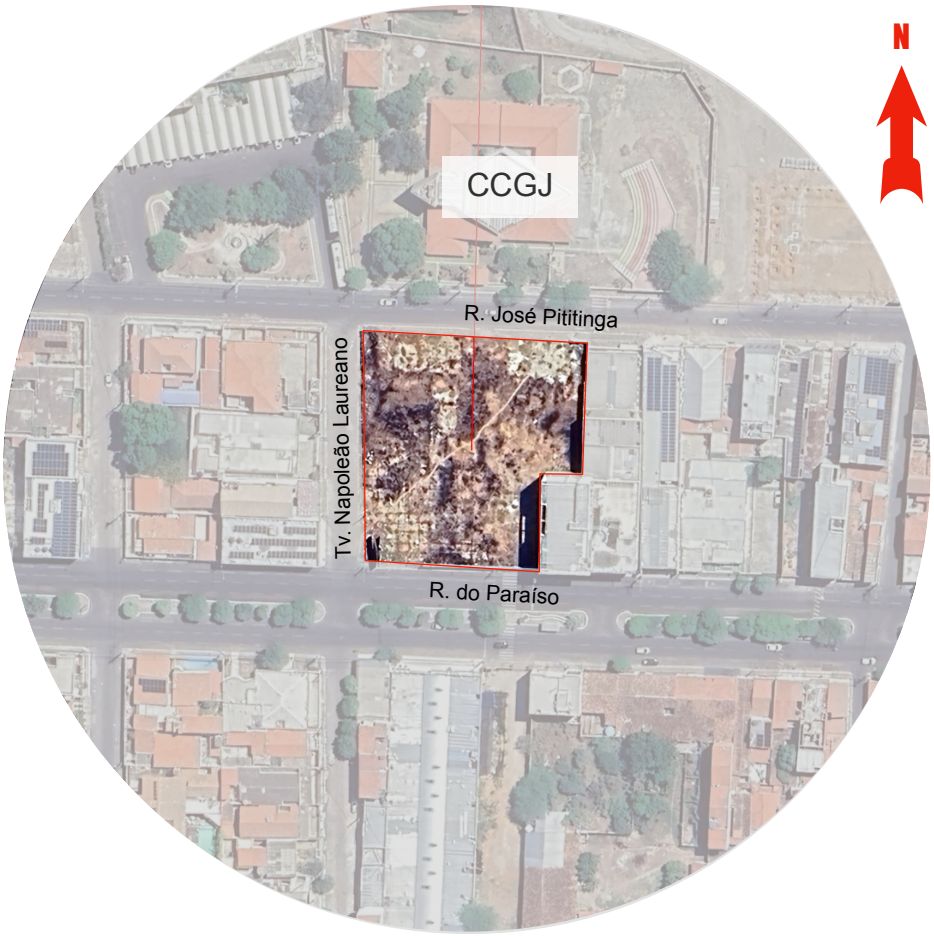
FIGURA 17: Vista aérea no terreno escolhido em evidência e seu entrono;



Fonte: Google Earth adaptado pelo autor, 2023.

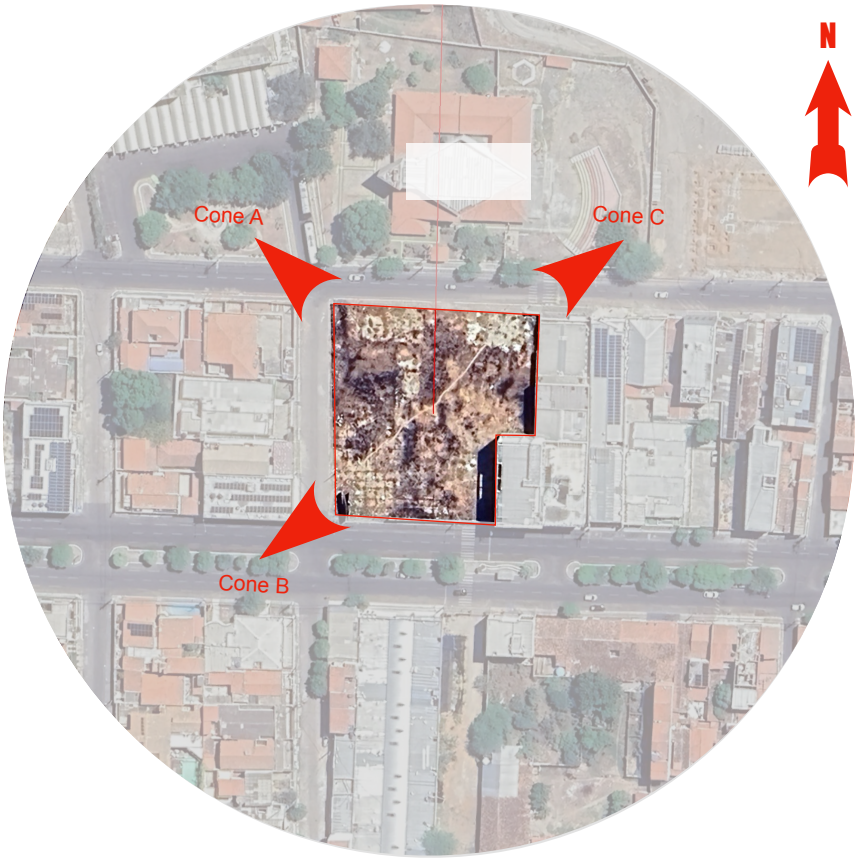
O terreno tem aproximadamente 4.010m² e atualmente não possui função social ou portabilidade para quaisquer eventuais ocupações, sua topografia é plana, levemente acidentado não excedendo 60cm de desnível em sua totalidade, tem acesso direto por três vias (Rua do Paraíso, Travessa Napoleão Laureano e Rua José Petitinga) é lote vizinho ao Centro de Cultura João Gilberto, este designado a receber o Pavilhão como anexo, e fica nas proximidades do Hotel Grande Hotel de Juazeiro, da Vila Gastronômica e do Parque Fluvial.

FIGURA 18: Vista aérea no terreno escolhido (ampliada);



Fonte: Google Earth adaptado pelo autor, 2023.

FIGURA 19: Indicação dos cones visuais;



Fonte: Google Earth adaptado pelo autor, 2023.

FIGURA 20: Cone visual A;



Fonte: Google Earth, Jul. de 2022;

FIGURA 21: Cone visual B;



Fonte: Google Earth, Jul. de 2022;

FIGURA 22: Cone visual C;



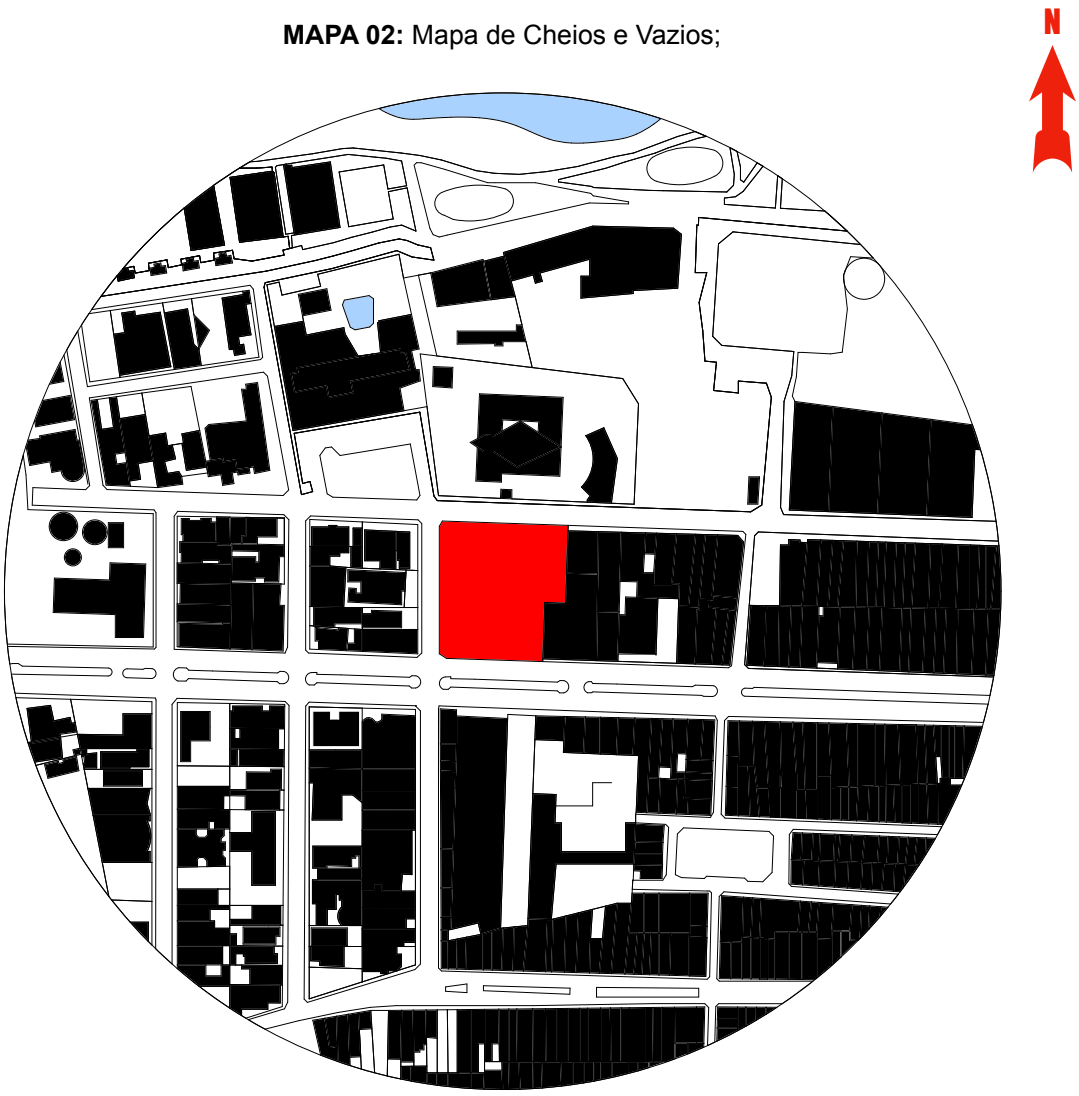
Fonte: Google Earth, Jul. de 2022;

8.3 ESTUDOS PRELIMINARES

8.3.1 MAPA DE CHEIOS E VAZIOS

A análise desse mapa, permite inferir que o lote está inserido em uma área de adensamento moderado à alto, possui uma boa margem de vazios mas está predominantemente marcada por cheios.

MAPA 02: Mapa de Cheios e Vazios;



Fonte: Autoral, 2023.

Terreno escolhido

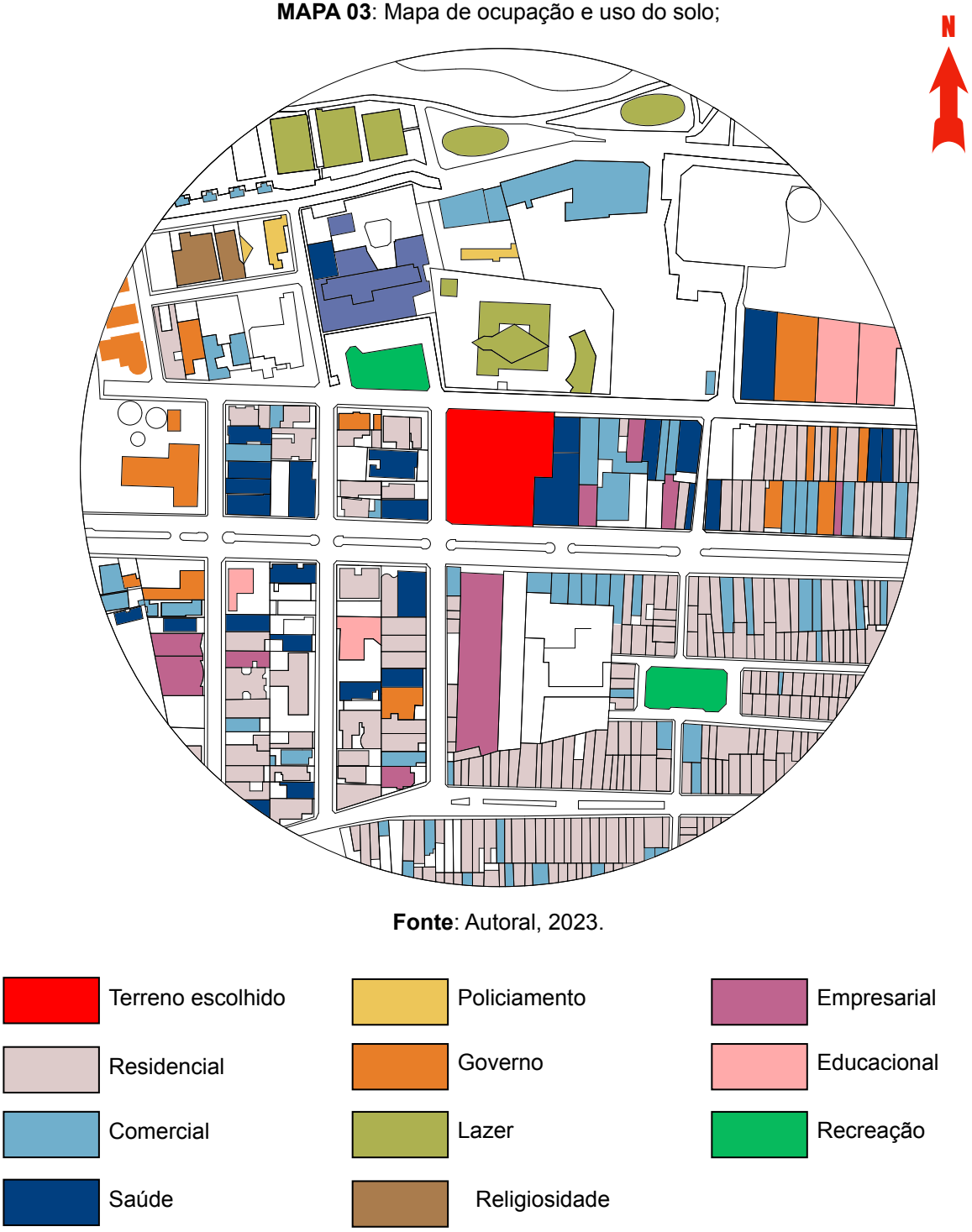
Cheio

Vazio

8.3.2 MAPA DE OCUPAÇÃO E USO DO SOLO

A análise desse mapa, permite inferir que a proximidade do lote contesta a presença de uma diversidade abundante na ocupação do solo, com uma predominância da tipologia residencial, seguida de pontos comercial, postos de saúde, de segurança, prédios governamentais, lazer, empresarial, educacional, praças, hotelaria e religiosidade.

MAPA 03: Mapa de ocupação e uso do solo;

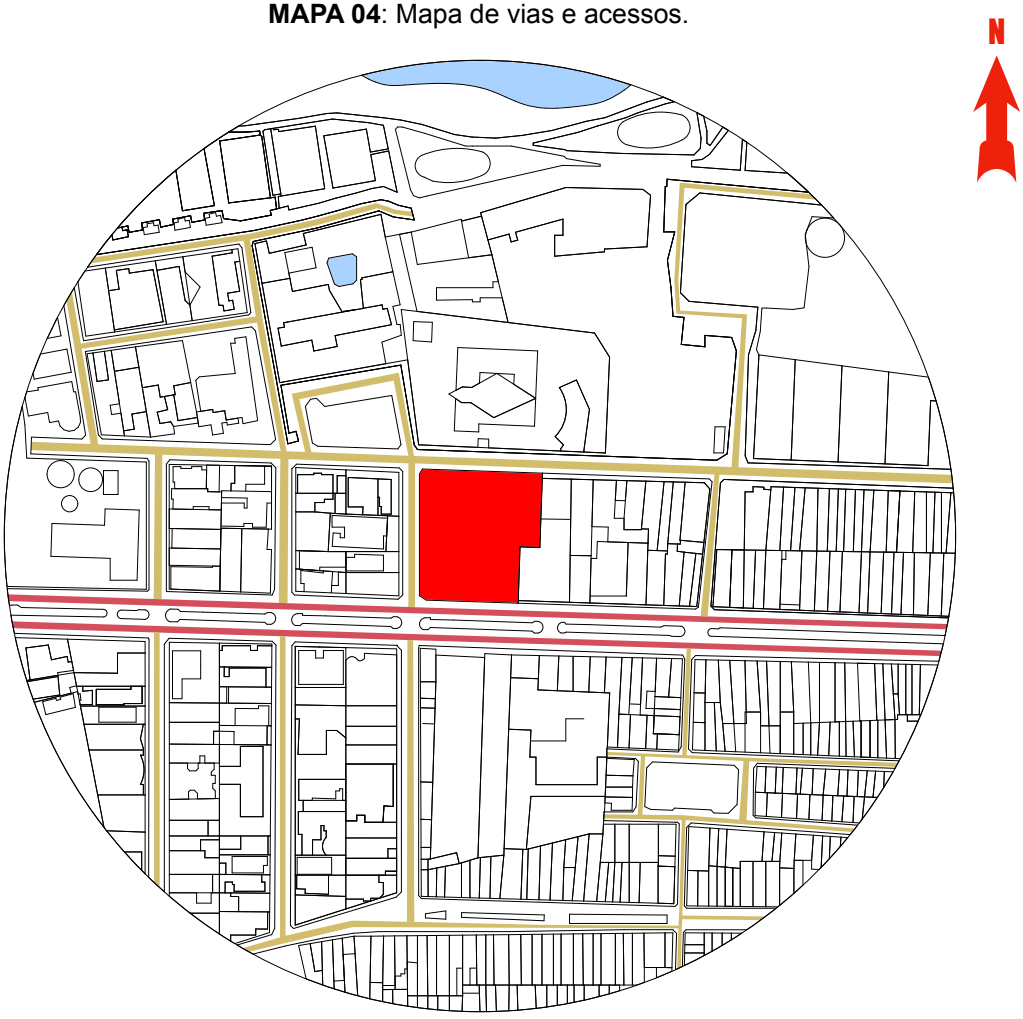


Fonte: Autoral, 2023.

8.3.3 MAPA DE VIAS E ACESSOS

A análise desse mapa, nos informa a respeito das vias que cercam e dão acesso ao lote, sua quadra e as demais vizinhas. Por ele, entendemos que a Rua do Paraíso é a via mais movimentada do setor, pois, ela coleta e distribui o trânsito vindo da BR-407 não somente pelo bairro Santo Antônio, mas outros bairros como Country Club, Maringá e outros. No geral, o setor está composto por vias locais ortogonais e transversais, repetindo e se adaptando ao terreno nas proximidades do rio São Francisco.

MAPA 04: Mapa de vias e acessos.

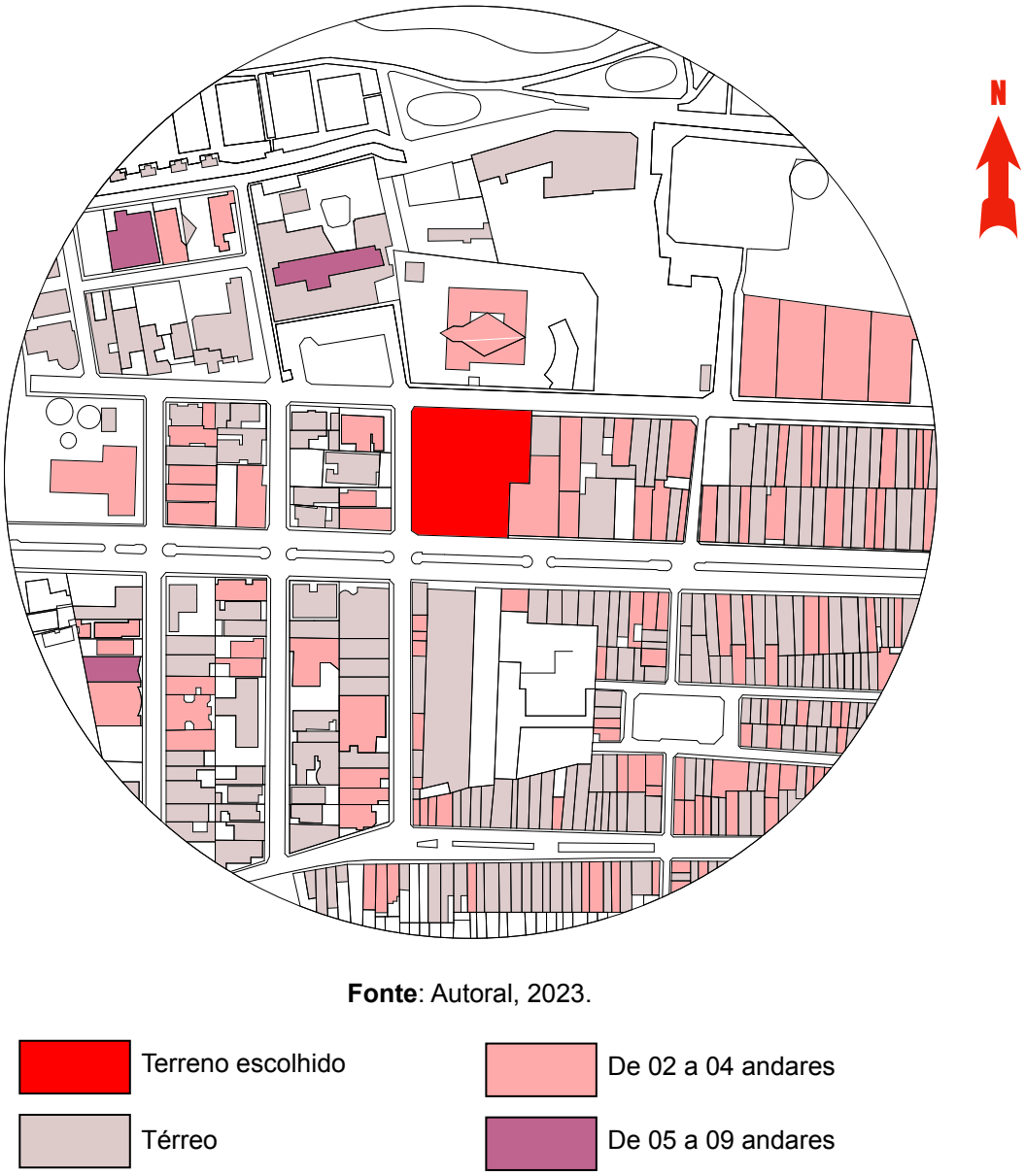


Fonte: Autoral, 2023.

8.3.4 MAPA DE GABARITO

A análise desse mapa, nos informa a respeito do gabarito da região em estudo, ou seja, aqui serão categorizadas as edificações segundo a quantidade de pavimentos que o compõe. Esse estudo é significativo para determinar a altura ideal para o projeto, respeitar o gabarito é: respeitar o entorno, a cidade e seus moradores. Segundo o estudo, a região é composta majoritariamente de residenciais e pontos comerciais térreos, seguida de residências e pontos comerciais entre dois e quarto pavimentos.

MAPA 05: Mapa de Gabarito.

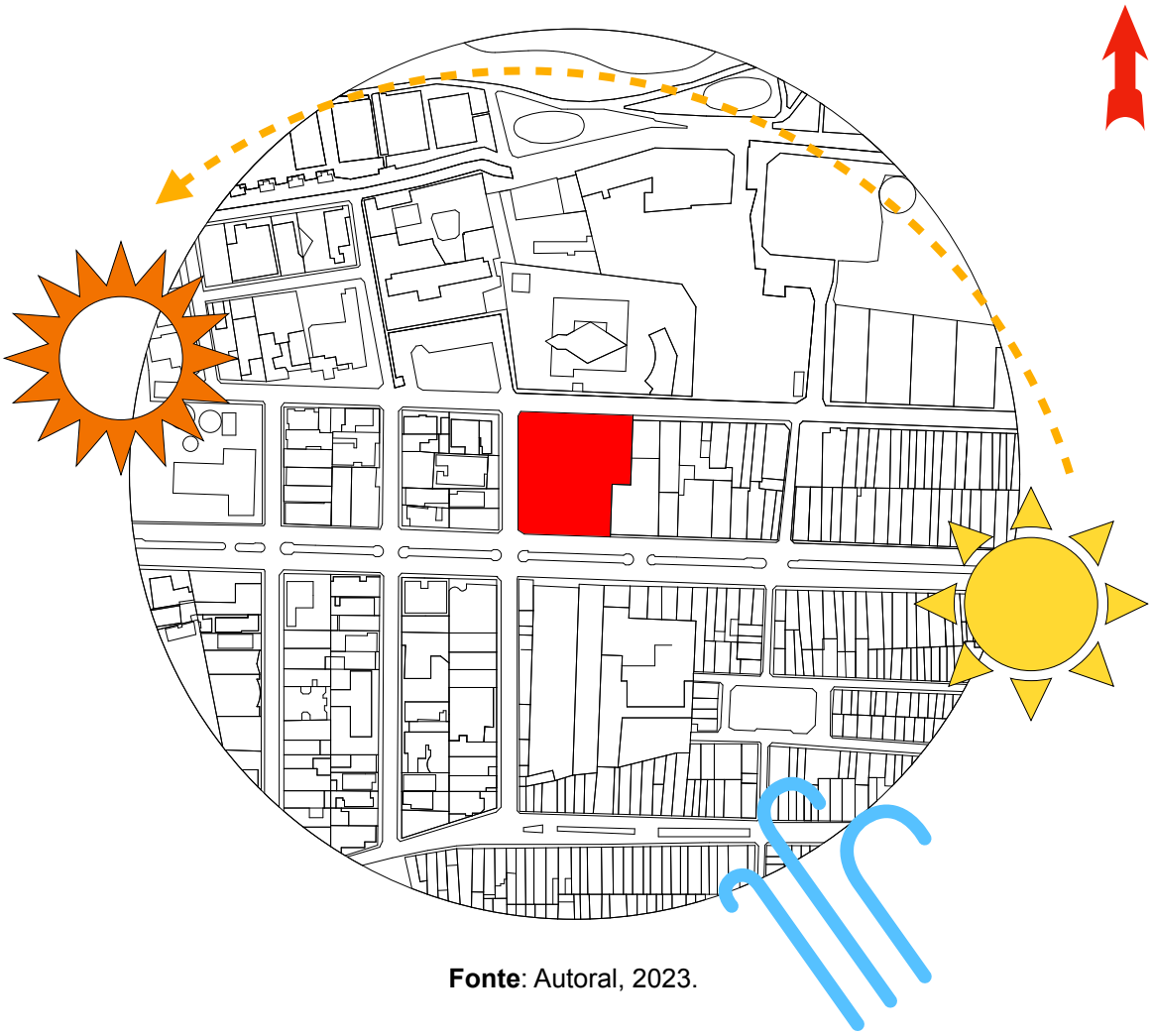


Fonte: Autoral, 2023.

8.3.5 ESTUDO CLIMÁTICO

Nesse mapa, é apresentado os aspectos relacionados ao percurso do sol, assim como a incidência dos ventos e consequentemente das chuvas. De acordo com a análise, tem-se que o sol nasce a Leste e se põe a Oeste do terreno, e os ventos abordam a seção pelo Sudeste.

MAPA 06: Estudo Climático;



Fonte: Autoral, 2023.

9. LEGISLAÇÃO E NORMAS

O ponto norteador de todo projeto arquitetônico deve estar em concordância à compilação das leis, normas e regulamentações de ocupação e manejo do solo, estas elaboradas pela Prefeitura Municipal junto a Secretaria de Obras e Desenvolvimento Urbano. Essa prática reflete o zelo pelas decisões e definições durante o desenvolvimento do anteprojeto, garantindo sua conformidade com todas as normas essenciais e sua consequente aprovação e execução.

Vale salientar que até a presente etapa deste trabalho, o Plano Diretor Urbano da cidade de Juazeiro não configura em conformidade ao Art. 51. da **Lei Nº 1.767**, de 22 de Dez. De 2003, este que demanda ao Conselho Municipal de Desenvolvimento, a revisão periódica do Plano Diretor.

9.1 DA LEI Nº 1.767/2003 - PDU DO MUNICIPIO DE JUAZEIRO-BA

De acordo com o Plano Diretor Urbano de Juazeiro, onde o mesmo se encontra defasado pois desconsidera parâmetros normativos que hoje precisamos para executar um bom planejamento urbano para o município e garantir que a cidade cumpra sua função social.

Art. 18. O Poder Executivo controlará o uso do solo, tendo em vista as aptidões ecológicas do solo, as áreas morfologicamente semelhantes e as atividades permitidas dentro de cada zona homogênea para otimizar a intensidade de ocupação e os efeitos materiais das estruturas construídas, de modo a não comprometer os padrões de qualidade ambiental urbana.

O terreno escolhido está no zoneamento caracterizado como Zona de Comércio e Serviço (**ZCS**), e segundo o Art. 22. são: Zonas destinadas principalmente ao comércio por atacado e varejista, aos serviços públicos (educacionais, administrativos, médico-odontológicos, religiosos, culturais e outros) e privados (escritórios profissionais, sedes de empresas, hotéis, restaurantes, bancos, agências de turismo, serviços especializados, mercados de saúde educacionais, etc). Nestas zonas, atividades habitacionais também serão permitidas evitando-se, contudo o estímulo a novos loteamentos.

No que diz respeito aos recuos, o ANEXO ÚNICO da Lei Nº 1.767 salienta em observação, que:

> .1 Todo lote com área superior a 300 m2 (trezentos metros quadrados) deve obedecer aos seguintes recuos: frontal de 4m (quatro metros); laterais (ambos os lados) de 1,5m (um metro e meio) e recuo de fundo de 2,5m (dois metros e meio).

No que diz respeito ao uso do solo, o ANEXO ÚNICO, informa (Tabela 03)

- Índice de Ocupação: 60%
- Índice de Permeabilidade: 30%
- Gabarito Livre;

Tabela 2: Tabela dos Índices Urbanísticos da zona;

Zona	Usos Permitidos	Restrições de Ocupação					Gabarito (pavimentos)
		IU	IP	IO	Lote Mínimo		
					Área (m^2)	Test. Mín. (m)	
ZCS	Comércio/ Serviço	3	0,3	0,6	150	8	Livre

Fonte: PDU de Juazeiro-BA. ANEXO ÚNICO, 2003.

9.2 NBR 9077/2001 - SAÍDA DE EMERGÊNCIA EM EDIFÍCIOS

A respeito da validação da edificação quando a sua capacidade de fornecer segurança aos seus usuários, faz-se necessário a obtenção de diretrizes obtidas através de normas que tratem da evacuação de emergência, prevendo e contornando possíveis fatalidades. Assim, a norma categoriza as edificações de acordo com sua função, determinando alternativas de segurança que devem ser seguidas durante a concepção do projeto. De acordo com a tabela 1 do anexo da NBR 9077/2001, o projeto é classificado pelo grupo F destinado à "Locais de reunião de público" categorizando nas divisões F-1 e F-2 respectivamente, configurando-se como “Locais onde há objetos de valor inestimável” e “Locais para a produção e apresentação de artes cênicas”, ilustrado pela tabela 3:

Tabela 3: Classificação das edificações quanto à sua ocupação

Grupo	Ocupação/Uso	Divisão	Descrição	Exemplos
F	Locais de reunião de público	F-1	Locais onde há objetos de valor inestimável	Museus, Galerias de arte, arquivos, bibliotecas e assemelhados
		F-5	Locais para produção e apresentação de artes cênicas	Teatros em geral, cinema, óperas, auditórios de estúdio de rádio e televisão e outros

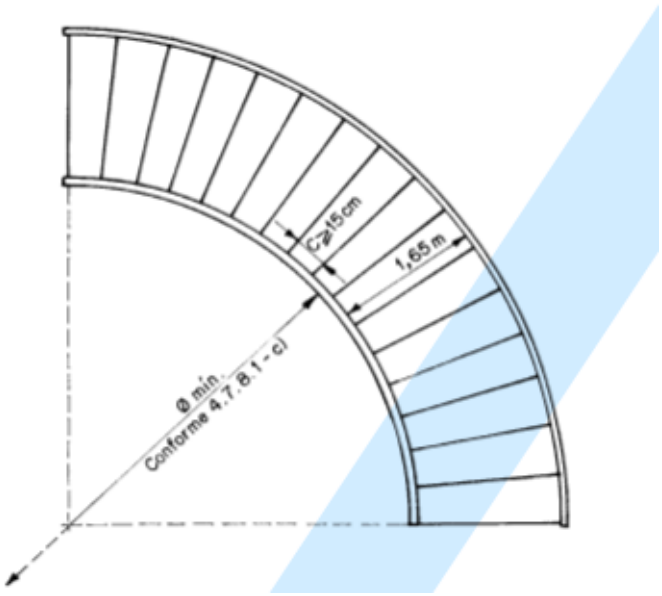
Fonte: NBR 9077, adaptado pelo autor, 2023

A norma também aborda informações à respeito da instalação de escadas com lanços curvos, informando as necessidades requeridas pelo padrão da normativa. Dentro do projeto, é idealizado a instalação de uma escada em formato helicoidal, esta conectando a galeria do térreo a sala de exposição do subsolo. A norma diz no item 4.7.8.1 que, As escadas com lanços curvos podem ser utilizadas em saídas de emergência quando:

b) Os lanços curvos forem constituídos de degraus ingrauxidos iguais, as linhas de bocéis convergindo em um ponto (centro da circunferência), havendo, pois, bomba ou escaparate com diâmetro mínimo de 0,97 m (escada com degraus b = 32 cm) a 1,375 m (para b = 27 cm) (ver Figura 23);

c) tiverem larguras entre 1,10m e 1,65m, sem corrimão intermediário.

FIGURA 23: Escada curva admissível como saída de emergência.



Fonte: NBR 9077/2001

9.2.1 INSTRUÇÃO TÉCNICA Nº.11/2016 - CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DA BAHIA

O Corpo de Bombeiros Militar do estado da Bahia determina através da IT Nº.11/2016 com o item 5.5.4.6 que: Para as ocupações do grupo F, com capacidade total acima de 100 pessoas, será obrigatória a instalação de barra antipânico nas portas de saídas de emergência, conforme NBR 11785, das salas, das rotas de saída, das portas de comunicação com os acessos às escadas e descarga.

A Instrução Técnica também informa que, a distância máxima a ser percorrida em caso de emergência, de 90 metros, este ilustrado pela Tabela 4:

Tabela 4: Distâncias máximas a serem percorridas.

Grupo	**Andar**	**Com chuveiros automáticos (Sprinkles)**
		Mais de uma saída
		Com detestação automática de fumaça
F	De saída da edificação (piso de descarga)	90m

Fonte: IT. Nº.11/2016 - Corpo de bombeiros Militar do estado da Bahia, adaptado pelo autor, 2024.

De acordo com o ANEXO C da IT Nº.11/2016, a edificação não precisa ser munida de escada de emergência dos tipos EP ou PF, sendo necessário apenas escada de emergência NE, esta em conformidade aos itens de guarda-corpo e segurança presentes na NBR 9077.

Tabela 5: Tipos de escada de emergência por ocupação.

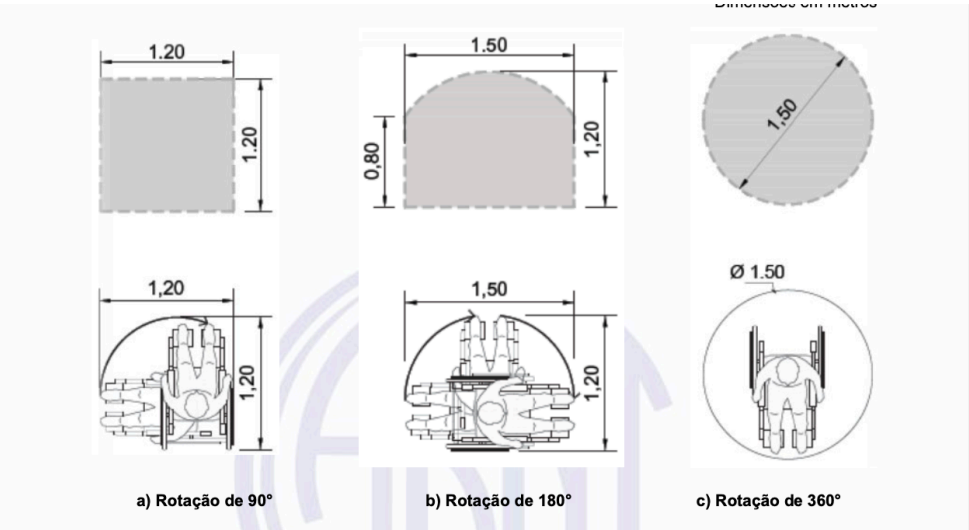
Dimensão		
Altura (em metros)		**6 < H ≤ 12**
Ocupação		**Tipo Escada**
Grupo	**Divisão**	
F	F-1	NE
	F-5	NE

Fonte: IT Nº.11/2016 - Corpo de bombeiros Militar do estado da Bahia, adaptado pelo autor, 2024.

Notas:

a. Abreviatura dos tipos de escada:

FIGURA 25: Área para manobra de cadeira de rodas sem deslocamento;



Fonte: NBR 9050/2020

NE= Escada não enclausurada (escada comum);

EP= Escada enclausurada protegida (escada protegida);

PF= Escada à prova de fumaça.

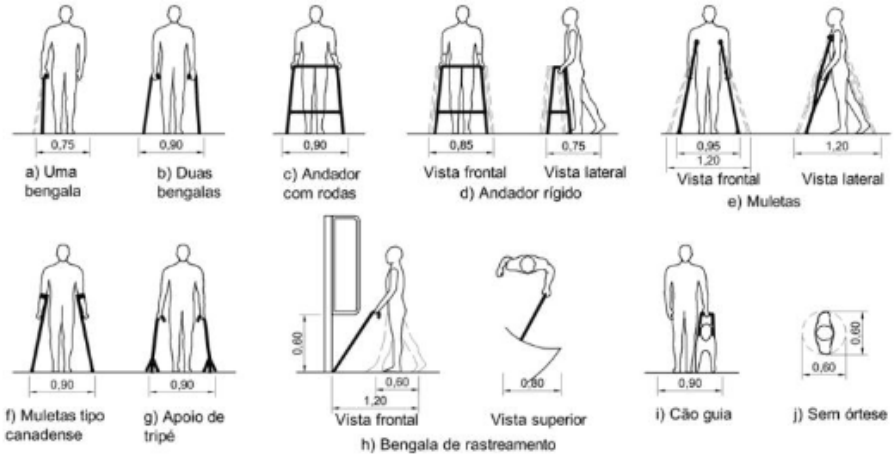
9.3 NBR 9050/2020 - ACESSIBILIDADE A EDIFICAÇÕES, MOBILIDADE, ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS URBANOS

Faz-se importante também a necessidade da edificação ser totalmente acessível, considerando transeuntes com qualquer tipo de mobilidade ou autonomia reduzida, assim, tomando partido da NBR 9050 o edifício deverá corresponder as necessidades elencadas pela norma, configurando seu espaço de modo a ser contemplado por todos e todas. O projeto buscará corresponder o que se dispor ser necessário em sua implantação e em sua totalidade, buscar abranger o máximo de diretrizes possíveis.

Toda circulação da edificação estará em conformidade aos parâmetros antropométricos para pessoas em pé, ilustrada pela Figura 24:

Buscando ser funcional em sua totalidade, o projeto se atentará a quesitos importantes, atrelados as normas de acessibilidade. Respeitando dimensões que permitam a manobra e o trânsito da cadeira de rodas, ilustrada pela Figura 25.

Figura 24: Dimensões referenciais para deslocamento de pessoas em pé.



Fonte: NBR 9050, adaptado, 2020

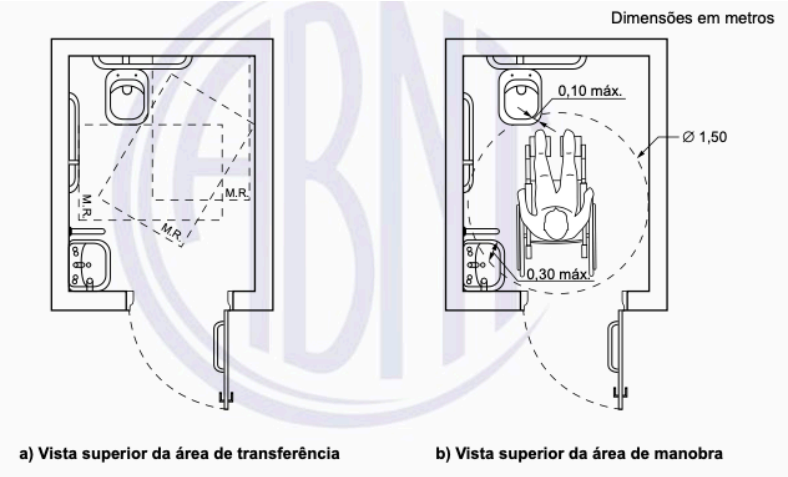
A norma, no item 7.3, Localização, exprime no subitem 7.3.1 que: Os sanitários, banheiros e vestiários acessíveis devem localizar-se em rotas acessíveis, próximas à circulação principal, próximas ou integradas às demais instalações sanitárias, evitando estar em locais isolados para situações de emergências ou auxílio, e devem ser devidamente sinalizados conforme Seção 5.

No item 7.5, a norma discute as Dimensões do sanitário acessível e do boxe sanitário acessível e informa:

As dimensões do sanitário acessível e do boxe sanitário acessível devem garantir o posicionamento das peças sanitárias e os seguintes parâmetros de acessibilidade:

a) Circulação com o giro de 360°, conforme 4.3.4;
c) A área de manobra pode utilizar no máximo 0,10 m sob a bacia sanitária e 0,30 m sob o lavatório, conforme Figuras 98 e 100;
f) Quando a porta instalada for do tipo de eixo vertical, deve abrir para o lado externo do sanitário ou boxe e possuir um puxador horizontal no lado interno do ambiente, medindo no mínimo 0,40 m de comprimento, afastamento de no máximo 40 mm e diâmetro entre 25 mm e 35 mm, conforme Figura 26;

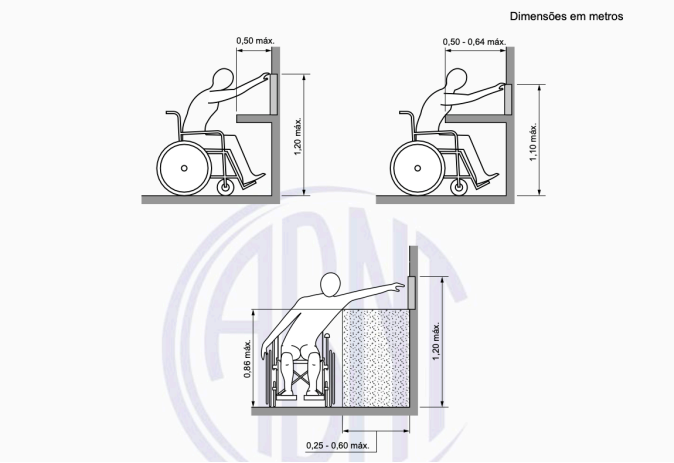
Figura 26: Áreas de transferencia e manobra para uso da bacia sanitária



Fonte: NBR 9050/2020

Além de ajustar o mobiliário público, seguindo medidas exemplares, de fácil percepção e alcance para uso e execução de tarefas nesses.

FIGURA 27: Alcance manual lateral e frontal com deslocamento do tronco



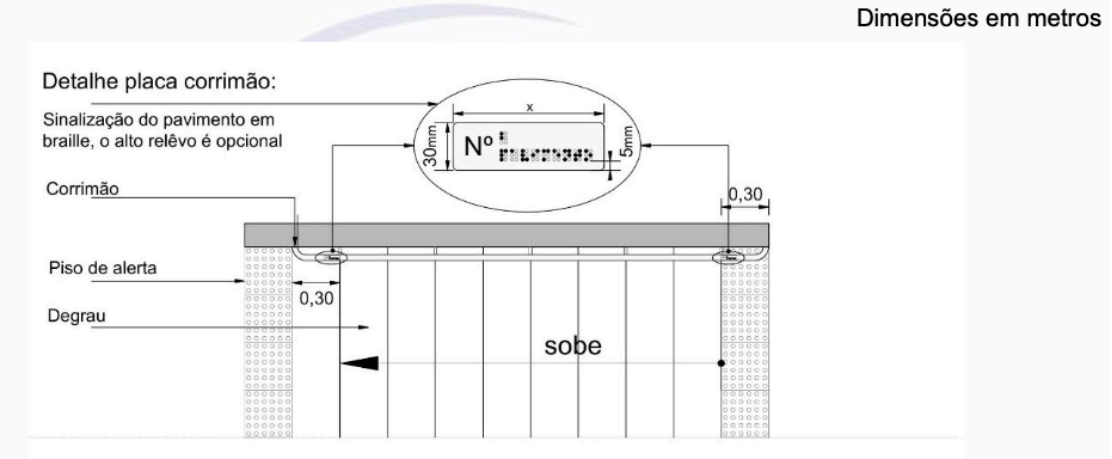
Fonte: NBR 9050/2020

A norma também apresenta diretrizes que configuram o padrão de acessibilidade demandado por pessoas com deficiência visual o baixo grau de visibilidade, tais como a distribuição adequada de mapas e planos acessíveis via tato como previsto pelo item 5.4.2 e seus subitens.

De acordo com o subitem 5.4.3 da exigência pela sinalização dos pavimento, informa: A sinalização de identificação de pavimentos (andares) junto a escadas fixas e rampas deve ser visual, em relevo e em Braille.

A sinalização visual e em relevo pode ser aplicada no corrimão ou na parede, conforme Figura 28. A sinalização em Braille deve estar obrigatoriamente posicionada na geratriz superior do prolongamento do corrimão, conforme Figura 29.

Figura 28: Sinalização de corrimão - Vista superior



Fonte: NBR 9050/202

Figura 29: Sinalização de pavimento - Vista lateral

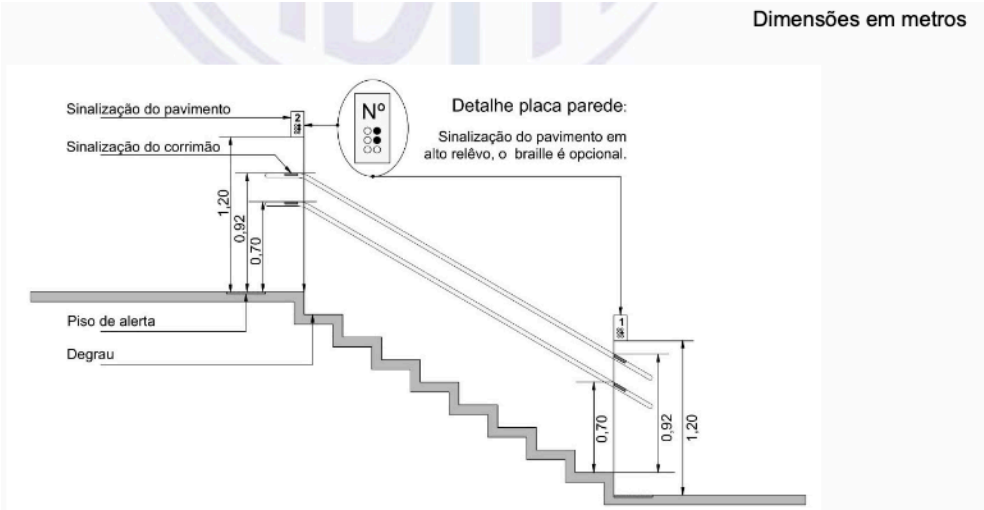


Figura 64 – Sinalização de pavimento – Vista lateral

Fonte: NBR 9050/2020

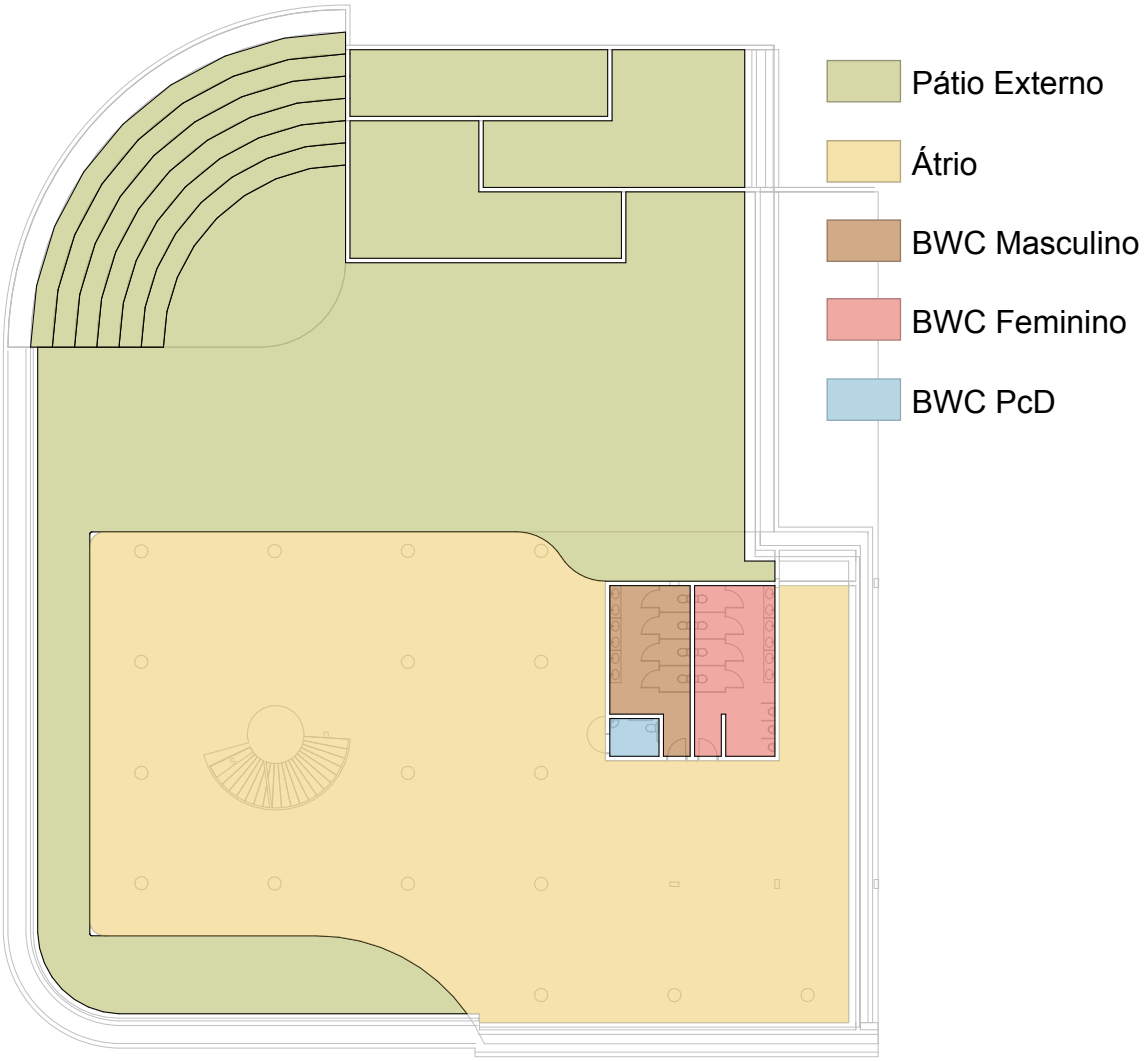
9.4 PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO

SETOR	AMBIENTE	QTD.	ÁREA ÚTIL	30% DE CIRCULAÇÃO	ÁREA CONSTRUÍDA
ADMINISTRATIVO	Recepção	1	30,42	13,03	43,45
	Gerência	1	9,21	3,95	13,16
	Diretoria	1	9,21	3,95	13,16
	Sala de Reunião	1	14,78	6,33	21,11
	Curadoria	1	21,75	9,31	31,06
	Almoxarifado	1	10,80	4,63	15,43
PÚBLICO	Pátio Externo	1	564,77	242.04	806,81
	Hall de Entrada	1	33,53	14,36	47,89
	Bilheteria	1	3,38	1,44	4,82
	BWC Masculino	2	19,18	8,22	27,40
	BWC Feminino	2	16,24	6,96	23,20
	BWC PcD	2	2,64	1,12	3,76
	Galeria 01	1	239,47	102,63	342,10
	Galeria 02	1	358,61	153,69	512,30
	Achados e Perdidos	1	6,08	2,60	8,68
	Átrio	1	421,68	180,71	602,39
	Central de Informação	1	11,75	5,03	16,78
SERVIÇO	Vestiário	1	17,26	7,31	24,57
	BWC Feminino (Funcionários)	1	10,48	4,49	14,97
	BWC Masculino (Funcionários)	1	8,96	3,84	12,80
	BWC PcD (Funcionários)	1	2,15	0,91	3,06
	DML	1	4,69	2,00	6,69
	Copa	1	15,10	6,46	21,56
	Descarte de Resíduos	1	4,73	0,90	3,00
	Casa de Gás	1	2,10	1,05	3,50
MANUTENÇÃO	Câmara Fria	1	15,03	6,44	21,47
	Lab. de Conservação e Restauro	1	27,96	11,97	39,93
	Estoque	1	6,87	2,94	9,81
	Guarda-Volume	1	4,28	1,83	6,11
	TOTAL	32	2.198,21	942.09	3.140,30

9.5 ZONEAMENTO

O zoneamento da edificação tem por finalidade, determinar o posicionamento dos setores pré-definidos no programa de necessidade, respeitando a hierarquia proposta pelo tipo de empreendimento. Este por sua vez, organiza aos fluxos posteriormente percorridos pelos transeuntes, onde deve fornecer nesse percurso fluidez, dinamismo, sinalização e objetividade. Para esta edificação, é pensado o zoneamento em blocagem, conectado por rotas de circulação acessíveis e restritas. No Subsolo, o espaço é pensado como zona livre para o público, amplo e mutável.

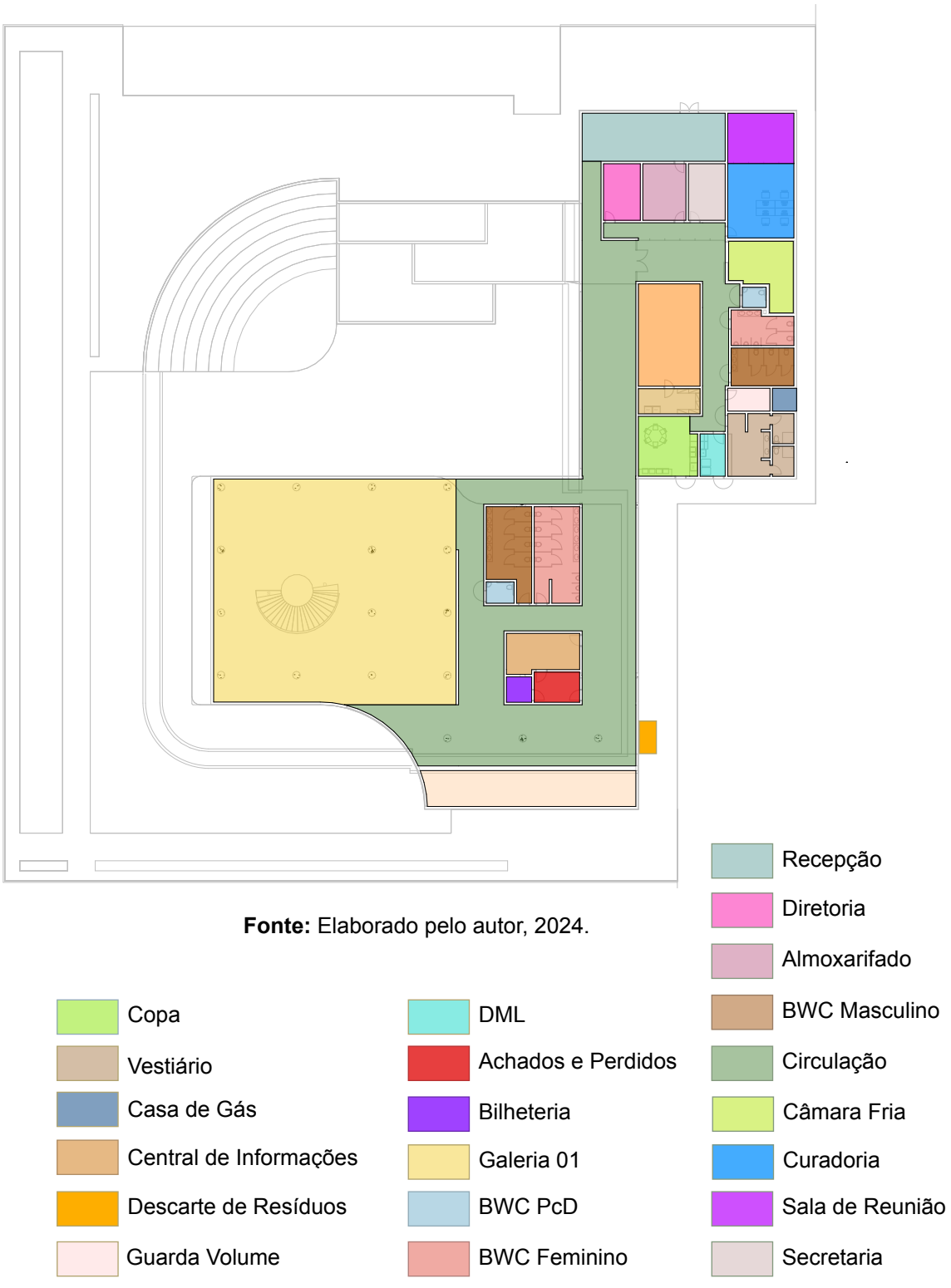
Figura 30: Zoneamento do Subsolo.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

O primeiro andar comporta os setores público e de serviço do da edificação, como a setorização foi pensada em blocos, essas atividades são bem divididas, direcionando o visitantes pelos ambientes certos e informando de forma objetiva por onde o publico deve ou não transitar.

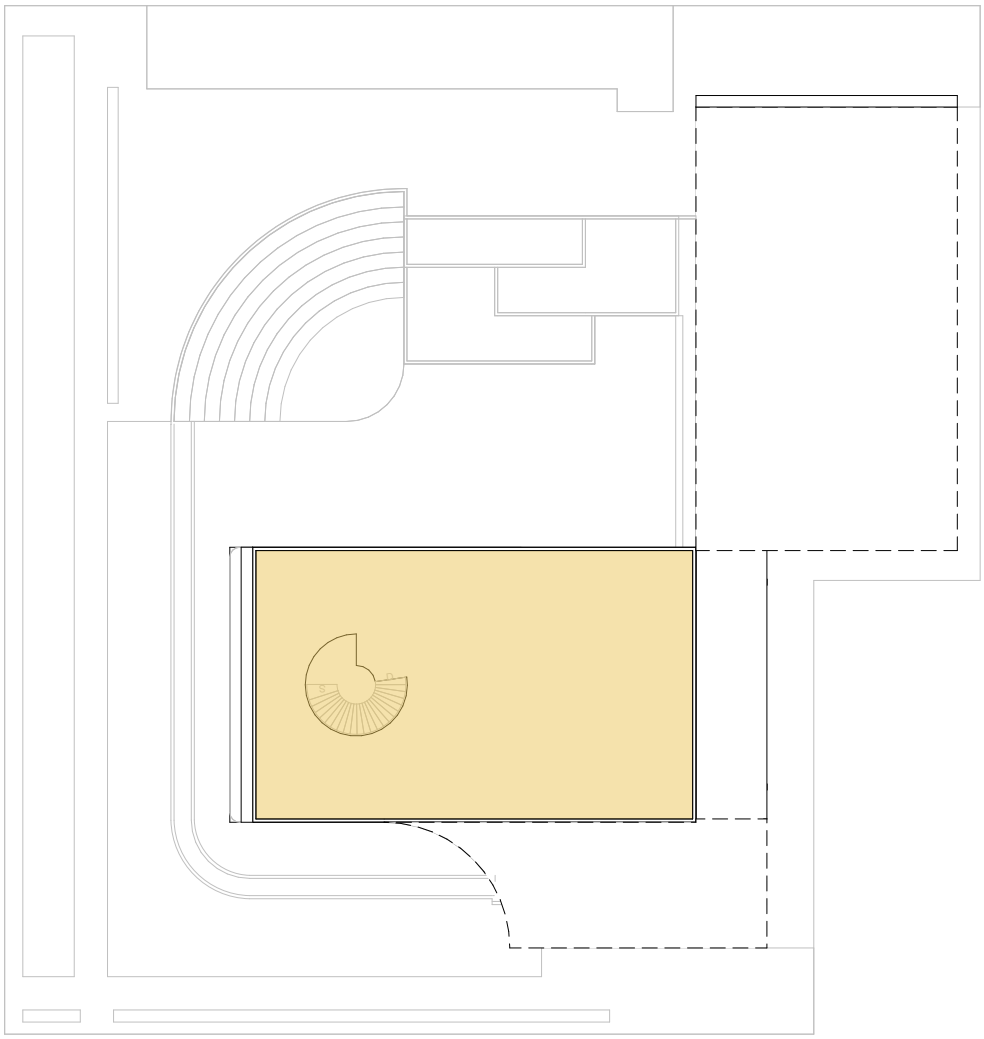
Figura 31: Zoneamento Primeiro Pavimento



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

O ultimo pavimento comporta a galeria 2, esse ambiente foi pensado como um amplo salão, que pode comportar diferentes exposições simultaneamente, através de compartimentações provisórias, definidas pela administração do pavilhão.

Figura 32: Zoneamento do Segundo Pavimento



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

Galeria 02

9.6 ORGANOGRAMA E FLUXOGRAMA

Os fluxos foram elaborados para serem diretos e objetivos, fazendo os transeuntes serem deslocados pelos lugares certos e se sentirem bem locados dentro do edifício. O pavimento térreo é divido em dois blocos, um que comporta a maior parte dos fluxos livres e dá acesso as áreas de interesse do público visitante. O outro bloco destinasse a comportar exclusivamente os setores administrativos, serviço e manutenção, mitigando o fluxo de transeuntes que não sejam da entidade de funcionários da galeria.

Figura 33: Organograma e Fluxograma pavimento térreo.

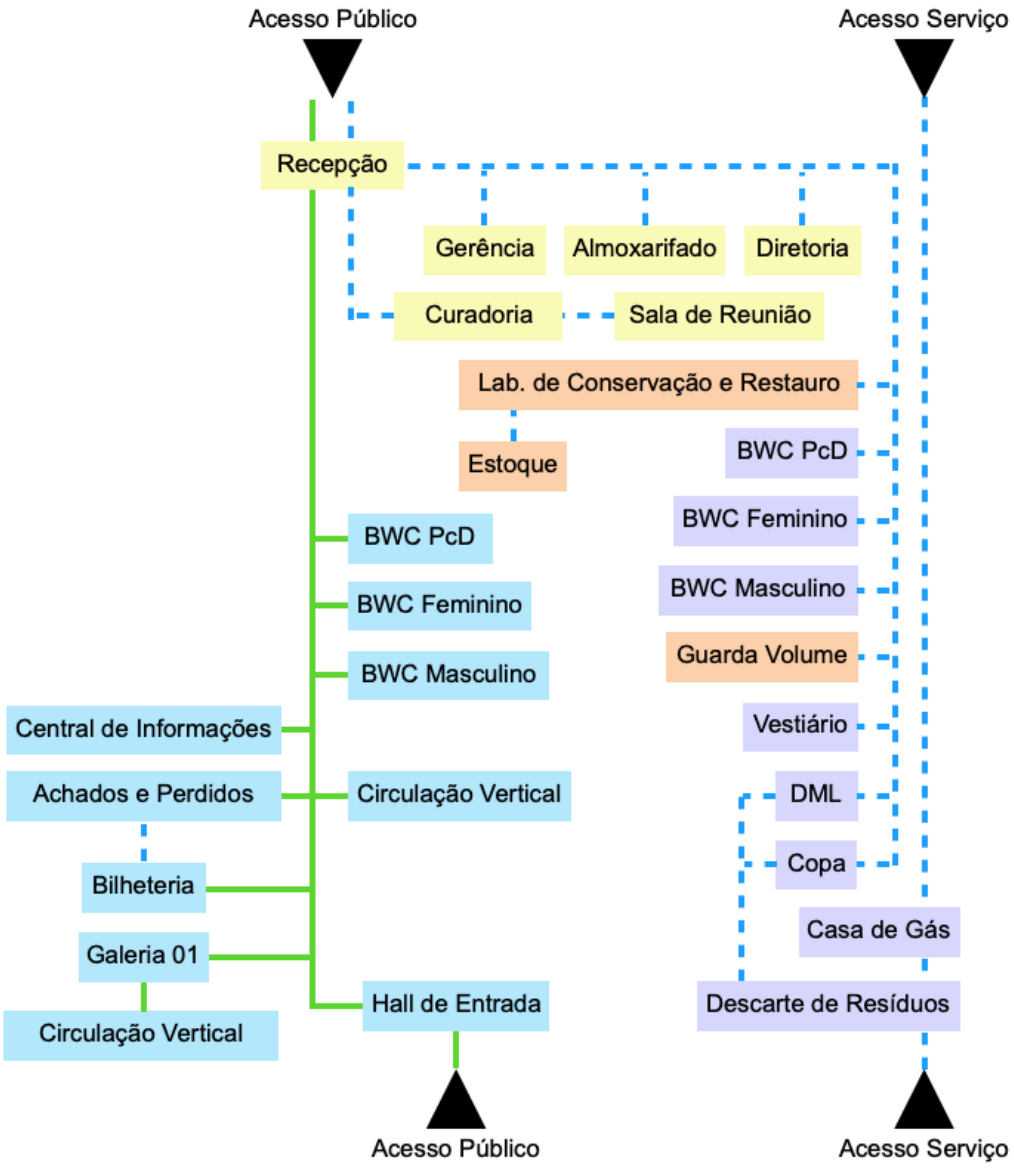


Figura 34: Organograma e Fluxograma pavimentos Subsolo

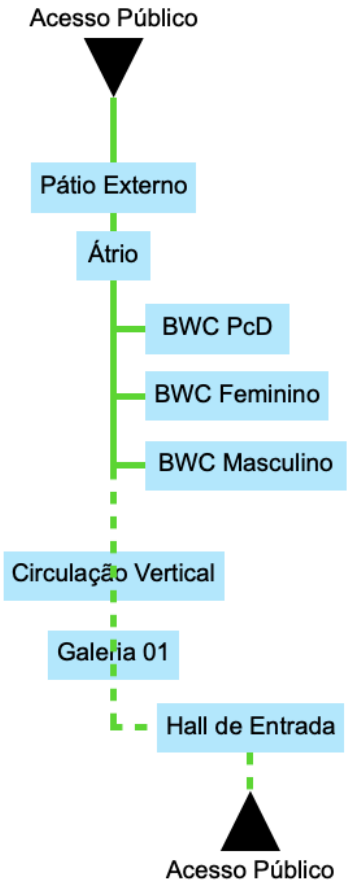
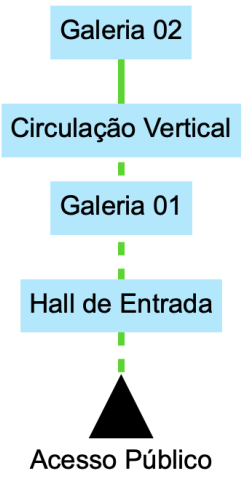


Figura 35: Organograma e Fluxograma primeiro andar.



LEGENDA

Público
Serviço
Fluxo de Funcionários
Administrativo
Manutenção
Fluxo de Visitantes

10. CONCEITO DO PROJETO, PARTIDO ARQUITETÔNICO E DIRETRIZES PROJETUAIS

10.1 CONCEITO

A essência do projeto está atrelada a ideia de que faz-se necessário reincentivar a população juazeirense a se sentir pertencente ao ambiente das artes, torná-los cientes das oportunidades de lazer que podem ser criadas ao disponibilizar um espaço que, sem barreiras físicas, expresse um convite e acolha todas as comunidades, intensificando a participação ativa de artistas, produtores, grupos étnicos independentes e entidades da cultura ribeirinha do submédio do São Francisco. Estimular o consumo de cultura na municipalidade, valorizando as atividades do Centro de Cultura João Gilberto pela região, buscando através de uma agenda conjunta de eventos de baixo à médio porte, constantes, que explorem os interesses de todas as faixa etárias. Evidenciando, dinamizando e diversificando novas produções artísticas e culturais na região.

10.2 PARTIDO ARQUITETÔNICO

Para concepção desse projeto, colaboram-se técnicas de desenho e planejamento dos espaços de maneira que sejam adicionados valores de gentileza urbana ao empreendimento, tornando-o mais convidativo ao público. O edifício é posicionado de forma a ser semienterrado, evitando conflito de volumetria e obstrução visual do CCJG. As estruturas são feitas em concreto aparente e são utilizados esquadrias e fechamentos em pele de vidro, conferindo sensação de leveza e modernidade ao projeto, ampliando o campo de visão do visitante para dentro da edificação. É adotado um traçado minimalista em toda a edificação, e são adicionados às fachadas, alguns elementos mais detalhados como marquises e cobogós, posicionados com o intuito de compor e prover integridade dos acervos expostos nas galerias. Ao pátio externo, instalam-se platôs interligados e uma arquibancada compondo um anfiteatro externo.

10.3 DIRETRIZES PROJETUAIS

I. Diálogo com o CCJG: É de suma importância que o pavilhão agregue valor ao Centro de Cultura João Gilberto, e funcione como ponto de apoio do mesmo, com isso, faz-se necessário a existência de um contato direto ao logradouro

do CCJG, através de um pátio aberto, que servirá de palco para eventos, performances, atividades culturais ou de qualquer natureza, enquadrada ao nível de visualização de qualquer transeunte das vias de acesso, situando o indivíduo ao complexo de lazer ao seu redor, tornando-se um atrativo para as duas instituições;

II. Vegetação: Juazeiro possui um clima árido e tropical, fazendo calor na maior parcela no ano, com isso, faz-se necessário a implementação de conforto térmico, via arborização, que busque amenizar as máximas térmicas trazendo uma variedade de especies de plantas e árvores de porte alto, criando um microclima agradável no pátio externo ao entardecer;
III. Permeabilidade e Drenagem: A pavimentação do pátio externo assim como das calçadas, será feito com piso de concreto drenante. Apesar de Juazeiro ser uma cidade com uma média pluviométrica relativamente baixa, chuvas torrenciais acabam sendo um problema durante o inverno. Certos pisos drenantes possuem capacidade de drenagem 1.578.396 mm/h ou 2,5L/15s. Mesmo com essa capacidade de drenagem, é pensado um sistema de calhas pluviais e ralos distribuídos uniformes pelo pátio externo, este que semi-enterrado, demanda atenção quanto a possibilidade de inundação;
IV. Democratização dos seus espaços: O pavilhão, que será uma concessão do Governo do Estado em parceria a uma Iniciativa Privada, entendendo que tem capacidade de terá o dever de conceber quaisquer eventos culturais e artísticos, desde que estes não firam a integridade da edificação ou de qualquer acervo exposto nele;
V. Segurança e Integridade do acervo: Por estar lidando com bens culturais materiais e imateriais de valor inestimável, faz-se necessário a implantação de um sistema coordenado de segurança desse acervo, garantindo a integridade intelectual do evento ou artefato exposto;
VI. Propagação da Cultura e Lazer: O espaço deve cumprir a razão de ser uma gentileza social, impulsionando a cultura e promovendo bem estar dos cidadãos juazeirenses, assim como de todo o Vale do São Francisco.

11. VOLUMETRIA

FIgura 36: Volumetria Isométrica Posterior.

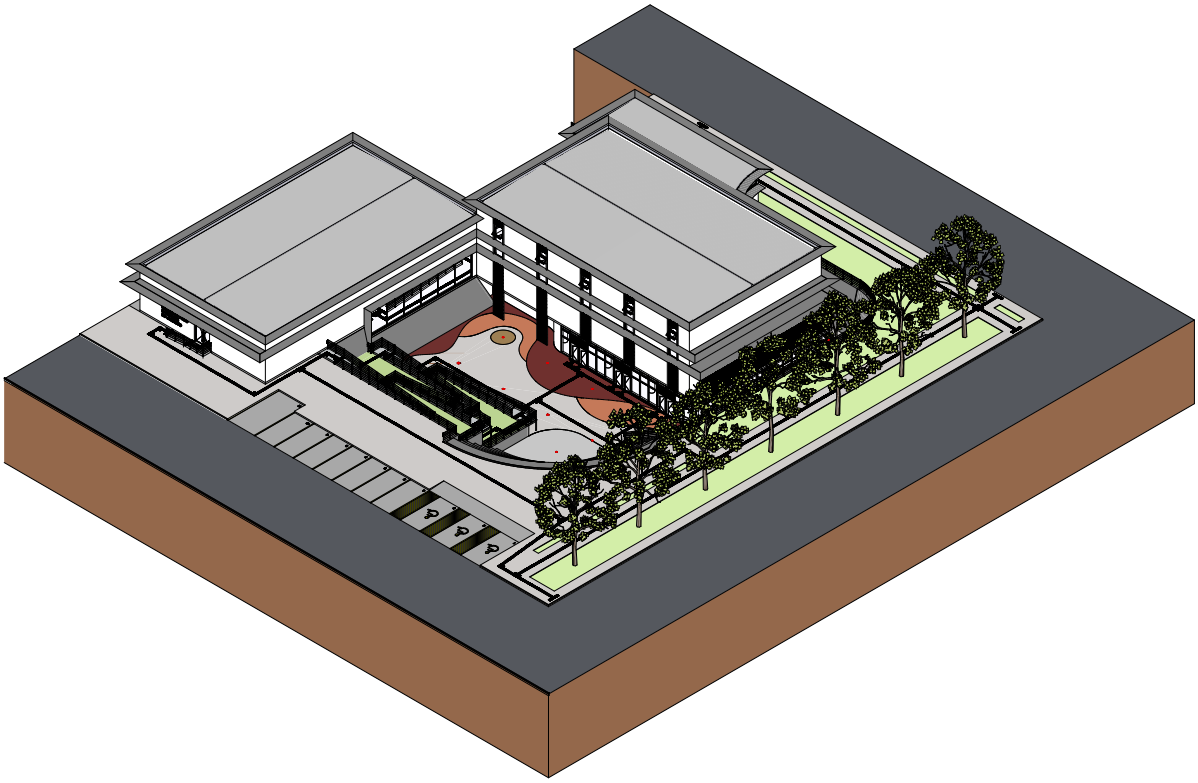
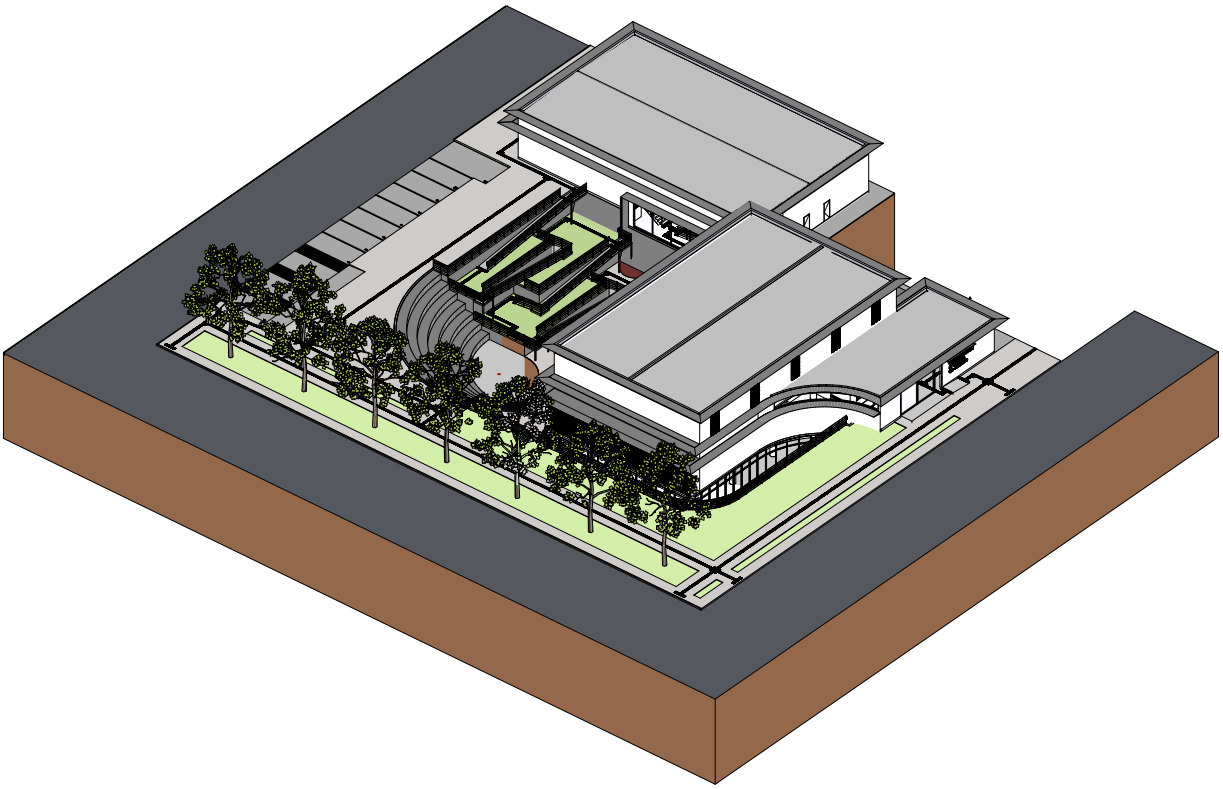
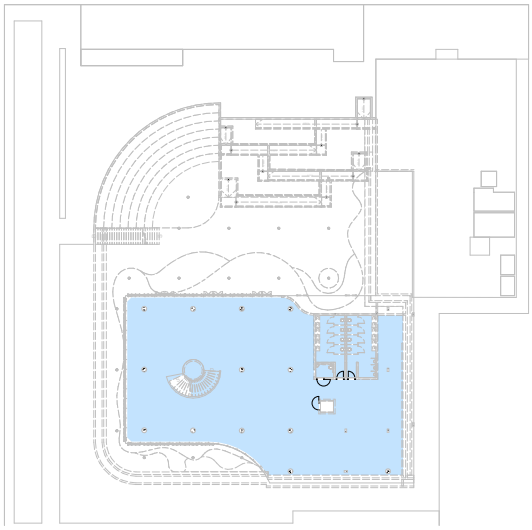


Figura 37: Volumetria isométrica Frontal.



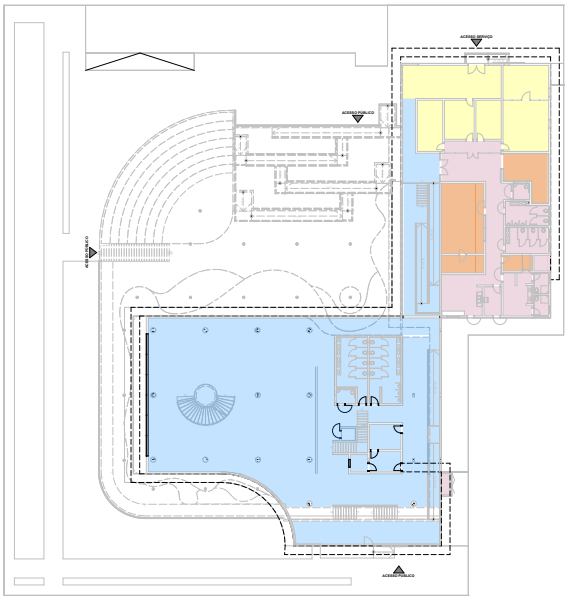
12. ZONEAMENTO

Figura 38: Zoneamento Subsolo



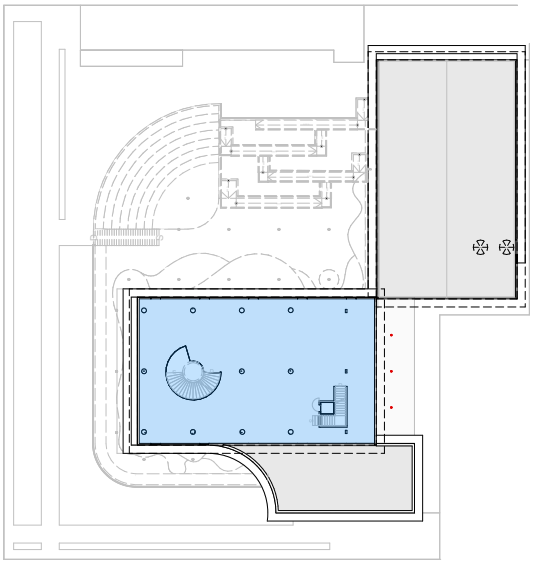
Elaborado pelo autor, 2024.

Figura 39: Zoneamento Térreo.



Elaborado pelo autor, 2024.

Figura 40: Zoneamento primeiro andar.



Elaborado pelo autor, 2024.

LEGENDA

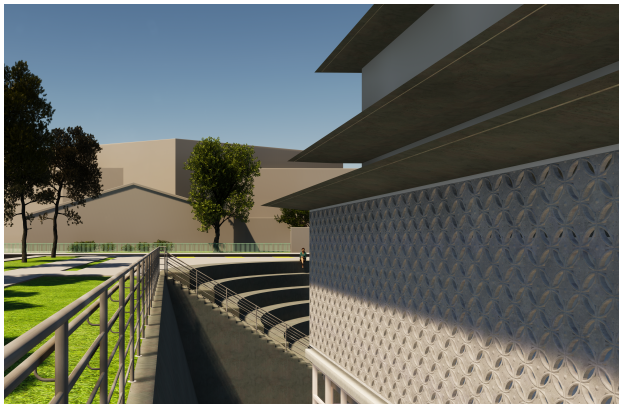
Público

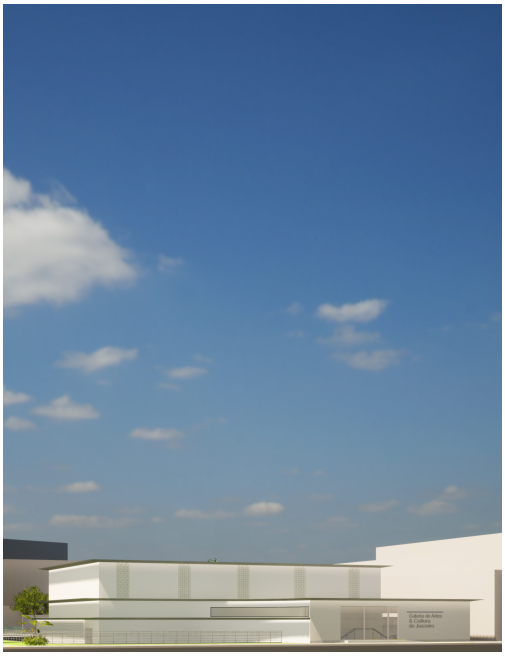
Administrativo

Manutenção

Serviço

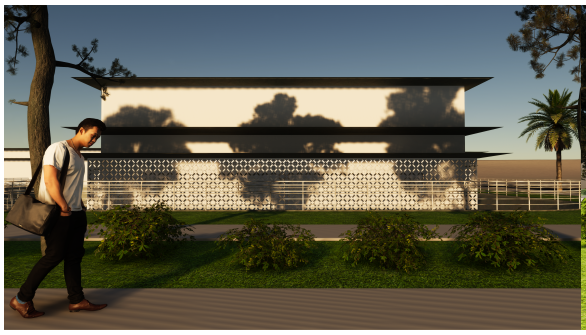
13. RENDERS

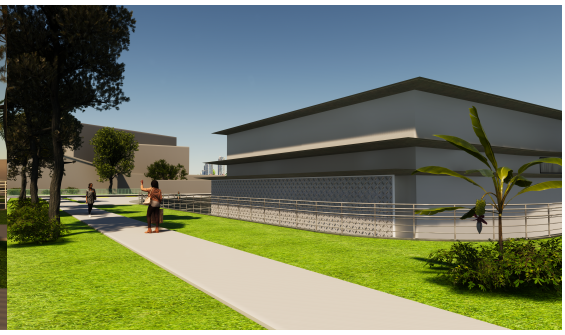


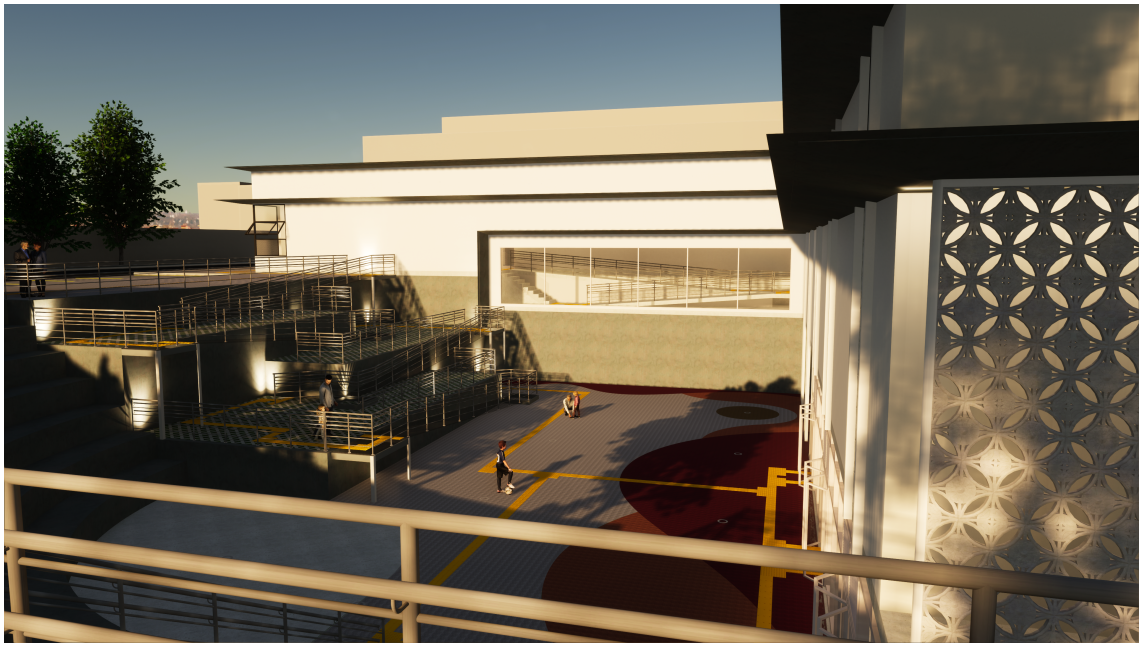












14. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos exemplificados por meio deste trabalho, apresentam a necessidade de se ter olhar atento aos meios de cultura da região. Dado que o CCJG é o único Centro de Cultura locado no submédio do Vale do São Francisco, e que não têm alcançado aos anseios da população de Juazeiro, falhando ao prender sua atenção e mantendo suas realizações por detrás de uma penumbra intensificada pela falta de diálogo com a população. Faz-se justo a implementação de uma Galeria de Arte e Cultura trabalhando em conjunto ao Centro de Cultura, servindo de atrativo midiático e porta-voz das atividades culturais realizadas. Entende-se também a importância de se ter um espaço sem limites espaciais, que se conecta ao seu logradouro e suas vias, amplificando e dinamizando eventos de pequeno a médio porte, fazendo com que a arte e a cultura sejam cultuadas a todo instante pelas ruas da cidade.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Antonio Carlos Coêlho de. **Juazeiro de Perto: Uma Mistura de Arte, Cultura e Política**. 1. ed. rev. Juazeiro: Scortecci Editora, 2021. 117 p.

ARAÚJO, Luís Manuel de. **Mitos e Lendas: Antigo Egipto**. Lisboa: Livros e Livros, 2005.

ARAUJO, G. J. F: SILVA, M. M. **Crescimento econômico no semiárido brasileiro: o caso do polo fruticola Petrolina/Juazeiro**. Revista caminhos de geografia-revista online, Uberlândia, v. 14, n.46, p. 246-264, jun. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281936149_CAMINHOS_DE_GEOGRAFIA_-revista_on_line_CRESCIMENTO_ECONOMICO_NO_SEMIARIDO_BRASILEIRO_O_CASO_DO_POLO_FRUTICOLA_PETROLINAJUAZEIRO

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS**. NBR 9050**: **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.** Rio de Janeiro, 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9077: Saída de emergência em edifícios.** Rio de Janeiro, 2001

CRUZ, G. **Samba de Veio no Rodeadouro**. In: www.sambadeveionorodeadoro.com.br. Acesso em: 14.11.2023.

GIUDICE, D. S. **História Cultura Turismo E Desenvolvimento Em Juazeiro-BA**. Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE, Salvador-BA, Edição Especial, ANO XVII, p.504 — p.557, dez. 2015. Disponível em: http://dx.doi.org/10.21452/rde.v17nesp.4024

FRACALOSSI, I. **Clássicos da Arquitetura: Pavilhão Ciccillo Matarazzo / Oscar Niemeyer**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-14551/classicos-da-arquitetura-pavilhao-ciccillo-matarazzo-oscar-niemeyer?ad_source=search&ad_medium=projects_tab>. Acesso em: 17 nov. 2023.

JODIDIO, P. **The New Pavilions**. Londres: Thames & Hudson Ltd, 2016.

LIMA, M. S. M. C.; SILVA, B. S. L. **Mercado de Trabalho Formal na Região Integrada de desenvolvimento Petrolina (PE) - Juazeiro (BA).** In: Semana de análise regional e urbana, 11, 2014, Salvador. A internet das coisas: reflexos e possibilidades para a Bahia, Anais de XI-SARU. Salvador: Universidade de Salvador 2014.

LUDWIG, E.; SANTOS, J. **Museu Rodin - Patrimônio e Restauro.** PUCRS, Porto Alegre, 2022. Disponível em: https://issuu.com/erikaludwig/docs/museu_rodin_-_patrim_nio_e_restauro

PEREIRA, M. **Clássicos da Arquitetura: As Arquiteturas do Parque Ibirapuera / Oscar Niemeyer**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/898302/classicos-da-arquitetura-as-arquiteturas-do-parque-ibirapuera-oscar-niemeyer>. Acesso em: 14 nov. 2023.

PEREIRA, Paulo José; PEREIRA, Monica Tomé. **As transformações do Polo-Petrolina-PE/Juazeiro-BA: Uma abordagem demográfica**. 1. ed. rev. Petrolina (PE): [s. n.], 2022.

TONETTI, Ana Carolina. **Interseções entre arte e arquitetura: O caso dos pavilhões**. 2013.

VALE, Marina Pires de Castro Aguiar. **ÓGA: O pavilhão no campo ampliado do design e da arquitetura**. Orientador: Prof. Dr. Daniel Ribeiro Cardoso. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Design) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

DOCUMENTÁRIOS

UMA vida no palco - Devilles e a Cena do Teatro Escola. Direção: Leonardo Teixeira. Produção: Leonardo Teixeira. Brasil: 2021. Online: Youtube.

LEGISLAÇÃO

JUAZEIRO. Art. 1º, Art. 2º, de 02 de Outubro de 2009. Regulamento do Festival Nacional Edésio Santos da Canção 13º Edição Troféu 40 anos de Novos Baianos. Diário Oficial do Município, Juazeiro, 02 de Outubro de 2009.

JUAZEIRO. Lei Ordinária Nº 1.767, de 22 de dezembro de 2003. Institui o Plano Diretor Urbano de Juazeiro e dá outras providências. Juazeiro, Camara Municipal, 2003.

WEBSITES

Juazeiro é uma da poucas cidades baianas incluídas no Mapa do Turismo Brasileiro. Disponível em: <https://www6.juazeiro.ba.gov.br/juazeiro-e-uma-da-poucas-cidades-baianas-incluidas-no-mapa-do-turismo-brasileiro/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

Museu Rodin Bahia / Brasil Arquitetura. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/910445/museu-rodin-bahia-brasil-arquitetura>. Acesso em: 16 nov. 2023.

Nelson Kon. Disponível em: <https://www.nelsonkon.com.br/museu-rodin-bahia/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

O Arquiteto Rossi Baptista - Restauro Palacete Tira Chapéu. Disponível em: <https://palacetetirachapeu.com.br/o-arquiteto-rossi-baptista/>. Acesso em: 16 nov. 2023.

PAVER DRENANTE. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://lajlucas.com.br/wp-content/uploads/2018/04/MANUAL-PAVER-DRENANTE.pdf>. Acesso em: 28 maio. 2024.

Pavilhão ciccillo matarazzo espaço aberto para a economia criativa. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://wiki-ead.b-cdn.net/images/4/45 Pabellon_Ciccillo_Matarazzo.pdf>.

Pavilhão da Bienal de São Paulo - Google Arts & Culture. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/pwWRjnkWXUoILw?hl=pt-BR>. Acesso em: 21 nov. 2023.

Projetos 070.01 Institucional: Museu Rodin Bahia | vitruvius. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/06.070/2721>. Acesso em: 16 nov. 2023.